



UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA
FACULDADE DE COMUNICAÇÃO
GRADUAÇÃO DE COMUNICAÇÃO COM HABILITAÇÃO EM JORNALISMO

FLÁVIA COSTA DA SILVA
TV E CRIANÇA: UM ESTUDO DE RECEPÇÃO DO
PROGRAMA CASTELO RÁ-TIM-BUM EM UMA TURMA DE ALFABETIZAÇÃO DA
ESCOLA LUZ INFÂNCIA

Salvador
2007

FLÁVIA COSTA DA SILVA

**TV E CRIANÇA: UM ESTUDO DE RECEPÇÃO DO
PROGRAMA CASTELO RÁ-TIM-BUM EM UMA TURMA DE ALFABETIZAÇÃO DA
ESCOLA LUZ INFÂNCIA**

Monografia apresentada ao Curso de graduação em Comunicação com habilitação em Jornalismo, Faculdade de Comunicação, Universidade Federal da Bahia, como requisito parcial para obtenção do grau de Bacharel em Comunicação e Jornalismo.

Orientadora: Profa. Dra. Simone Terezinha Bortoliero

Salvador
2007

A

Ester Cardoso Bittencourt, minha madrinha, em memória, por ter me apoiado em meus estudos, auxiliando na minha realização acadêmica.

AGRADECIMENTOS

À Universidade Federal da Bahia - UFBA pela oportunidade de uma formação acadêmica na área de comunicação.

À professora e Doutora Simone Terezinha Bortoliero por me apoiar e orientar na produção desta pesquisa monográfica.

À coordenadora do Trabalho de Conclusão de Curso, da Faculdade de Comunicação, professora Annamaria Jatobá Palácios, que me auxiliou no aprendizado de técnicas normativas para a produção deste trabalho.

À amiga pedagoga, Alzira Marques, pelo apoio emocional para a concretização desta pesquisa.

À amiga publicitária, Andréa Arruda, também pelo apoio emocional e o incentivo para concretização deste trabalho de Conclusão de Curso.

À minha mãe, Maria José Costa da Silva Viana, em especial, pela paciência e por acreditar em mim, na minha capacidade para a concretização de mais um sonho.

RESUMO

Esta pesquisa monográfica foi realizada sobre a interrogação de como conteúdos televisivos podem contribuir para o aprendizado infantil a partir da recepção de informações já conceituadas como educativas do programa *Castelo Rá-Tim-Bum*. Tendo como objetivo a compreensão de como ocorre o processo da aprendizagem a partir de temas curriculares pré selecionados, neste trabalho foi possível também verificar como se constrói, por meio da linguagem televisiva utilizada no programa, conteúdos educativos para as crianças; identificar formas de associação do imaginário infantil que auxiliam no processo de aprendizagem; propiciar uma reflexão sobre as potencialidades do uso da TV na escola. A análise dos dados coletados se concretizou a partir da observação diagnóstica, por meio de desenhos, sobre as temáticas abordadas e da exibição dos quatro episódios selecionados para o estudo de recepção.

Palavras-Chave: *Recepção, Criança, TV, aprendizagem, Castelo-Rá-Tim-bum.*

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	8
CAPÍTULO I	
ESTUDOS DE RECEPÇÃO: O USO DA TV	12
1.1 As mediações no uso da TV.....	14
1.2 O telespectador infantil.....	17
CAPÍTULO II	
PEDAGOGIA DO ENTRETENIMENTO: O CASTELO RÁ-TIM-BUM COMO EXEMPLO	21
2.1 O Castelo como referência de programa infantil educativo.....	23
2.2 A criança e o aprendizado pela TV.....	26
CAPÍTULO III	
PERCURSO METODOLÓGICO DO ESTUDO DE RECEPÇÃO	30
3.1 O espaço da Escola.....	32
3.2 A escolha da turma de alfabetização.....	33
3.3 Seleção de episódios para identificação de conteúdos.....	34
3.4 Observação diagnóstica: representação de conteúdos em desenhos.....	36
3.5 Observação para análise de recepção: exibição dos episódios do Castelo.....	37
CAPÍTULO IV	
ANÁLISES DOS DADOS	42
4.1 O que diz o meu desenho... ..	42
4.2 O Castelo e sua estrutura narrativa.....	54
4.3 Os quadros pedagógicos do Castelo e a aprendizagem infantil.....	58
4.4 As crianças e a companhia da TV.....	69

4.5 Exibição do Castelo: o imaginário no processo de aprendizagem das crianças.....	72
4.6 Pontencialidades do uso da TV na escola.....	78
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	83
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	86
APÊNDICES	
APÊNDICE A - Descrição de personagens e cenários do Castelo.....	94
ANEXOS	
ANEXO A – Representações em desenhos dos conteúdos selecionados.....	102

INTRODUÇÃO

As televisões comerciais brasileiras a partir dos anos 80 e 90 perceberam a necessidade no investimento em programas infantis de qualidade, devido aos altos índices de audiência que estes começaram a atingir em canais como a TV Cultura, emissora que por meio de concessões públicas tornou-se um exemplo a ser seguido por outros canais de televisão. Dentre as suas produções de destaque veio em 1994 à criação por Cao Hamburger e Flávio de Souza do *Castelo Rá-Tim-Bum*, ganhador de muitos prêmios como programa educativo de qualidade, ao longo desses treze anos de exibição. Atualmente o *Castelo Rá-Tim-Bum* é exibido pela TV por assinatura da Fundação Padre Anchieta, TV Rá-Tim-Bum.

No interesse em pesquisar como conteúdos televisivos podem contribuir para o aprendizado infantil, esta pesquisa obteve como objeto de estudo o processo de recepção da informação educativa veiculada na série *Castelo Rá-Tim-Bum*, por uma turma de 1º ano do ensino fundamental (alfabetização) da Escola Luz Infância. A escolha do público-alvo em questão dar-se pela aproximação da realidade do meio e dos sujeitos a carreira profissional e acadêmica da presente pesquisadora.

Graduada em Pedagogia pela Universidade do Estado da Bahia –UNEB e recentemente especializanda do curso de pós-graduação de Educação Infantil e Mídias Interativas pela mesma instituição, a pesquisadora em questão é também, desde do primeiro semestre de 2006, professora

de informática da mesma instituição de ensino onde ocorreu todo o estudo de campo. Fazendo parte do corpo docente da Escola Luz Infância, a escolha do grupo de crianças na faixa etária de 5 a 6 anos, pertencentes a classe de alfabetização, ocorreu a partir da observação de uma nova postura exigida pela educação, por se tratar de uma série de transição entre a educação infantil e o ensino fundamental, que tem como objetivo a cultura letrada e possivelmente obtém como referencial de vida tipos diferenciados de linguagens.

A partir da busca pessoal por estudos interdisciplinares no campo da Educação e de Comunicação e no intuito de contribuir para pesquisas que considerem a dinâmica dos meios de comunicação dentro e fora da escola, o estudo de recepção de um programa infantil, que traz uma nova concepção para a programação educativa, tornou-se relevante. Segundo Maria Cristina Castilho Costa em seu artigo *Edocomunicador é preciso* “Educar o público, torná-lo consciente do poder e efeito das informações, fazê-lo capaz de manter uma atitude crítica diante da mídia, parecem ser preocupações importantes nas pesquisas em andamento no mundo inteiro” (COSTA, 2006, p. 2).

Estudos sobre a recepção e influência da mídia na vida cotidiana das crianças de diferentes países os conteúdos que elas preferem, a participação da criança na TV brasileira, as definições de um bom programa infantil, a inserção do meio televisivo no ambiente escolar, seus prós e contra, têm sido alvo de constantes discussões por organizações como a UNESCO¹ - no trabalho que envolve temáticas relevantes para o campo educacional – e o Ciclo de Estudos Interdisciplinares da Comunicação, INTERCOM² - que traz a interdisciplinaridade do campo de Comunicação e outros como o da Educação. Os caminhos que se cruzam entre os dois campos

¹ A Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura – UNESCO tem por objetivo ampliar as bases da educação no mundo, levar benefícios da ciência a todos os países e fomentar o intercâmbio e a divulgação cultural.

² Desde 1978, a INTERCOM realiza anualmente um ciclo de estudos interdisciplinares da comunicação.

são inevitáveis diante da significativa inserção dos meios de comunicação de massa no desenvolvimento cultural, emocional, social de crianças e adolescentes que, no mundo contemporâneo, possuem a mídia como uma das fontes principais para o acesso à informação e lazer.

O trabalho de pesquisa obteve como objetivo principal analisar a recepção de episódios da série *Castelo Rá-Tim-Bum* junto a 15 crianças, na faixa etária de 5 e 6 anos para a compreensão de como ocorre o processo da aprendizagem infantil a partir de temas curriculares pré selecionados; verificar como se constrói, por meio da linguagem televisiva utilizada no programa, conteúdos educativo para as crianças; identificar formas de associação do imaginário infantil que auxiliam no processo de aprendizagem, propiciar uma reflexão sobre as potencialidades do uso da TV na escola.

Para o alcance dos objetivos citados acima, o estudo monográfico em questão foi realizado por meio de uma análise-descritiva, de caráter qualitativo, na qual a coleta de dados baseou-se na seleção de quatro episódios da série que obtiveram como tema conteúdos curriculares pré-selecionados, junto a professora regente da turma de alfabetização, da Escola Luz Infância. Foi também realizado um estudo bibliográfico de teóricos que se remetem à análise dos processos de recepção, o *Castelo Rá-Tim-Bum*, como também de autores que trazem reflexões sobre a criança e a TV e o seu uso no espaço escolar, entre outros. A pesquisa bibliográfica se deu por livros e artigos de periódicos, matérias e artigos retirados da Internet.

A análise dos dados coletados se concretizou a partir da observação diagnóstica, por meio de desenhos, dos conhecimentos prévios das crianças sobre as temáticas abordadas, que foram: eleições, alimentação saudável, reciclagem, higiene; e da exibição dos quatro episódios selecionados para o estudo de recepção. Um estudo singular, pois segundo Ludke “A importância de determinar os focos da investigação e estabelecer os contornos do estudo decorre do fato de

que nunca será possível explorar todos os ângulos do fenômeno num tempo razoavelmente limitado.”(1986, p.22).

O primeiro capítulo traz como referência os estudos de recepção elaborados por teóricos dos Estudos Culturais, enfatizando também os processos de filtros e mediações existentes na recepção televisiva infantil. O segundo capítulo traz como abordagem um pouco da história dos programas educativos brasileiros, dando destaque a TV Cultura e o programa *Castelo Rá-tim-Bum*, hoje conceituado como um clássico educativo. Dentro desta perspectiva, também há a abordagem teórica sobre a criança e o seu aprendizado pela TV.

O terceiro capítulo traz a descrição de todo o percurso metodológico para o estudo de recepção: a escolha das temáticas abordadas, dos episódios selecionados, da turma e local para o estudo de campo. Refere-se também, a descrição da atividade de representação em desenhos pelas crianças, a partir dos conteúdos selecionados e como ocorreu a exibição dos episódios para a produção das análises.

O quarto capítulo consiste na análise dos dados a partir dos desenhos produzidos pelas crianças, da estrutura narrativa da série e da utilização de quadros pedagógicos para aprendizagem infantil. Também há a análise do uso do imaginário na relação das crianças e a TV, e do uso da TV na escola. As considerações finais trazem reflexões obtidas a partir do estudo de recepção, enfatizando também a potencialidade do meio televisivo para educação dentro e fora do espaço escolar. Abrindo assim possibilidades para ampliação dos estudos pessoais da presente pesquisadora em outra realidade de ensino.

CAPÍTULO I

ESTUDOS DE RECEPÇÃO: O USO DA TV

Os estudos relativos à recepção dos meios de comunicação, nas últimas décadas, direcionaram suas pesquisas às análises dos significados que as audiências efetivamente constroem sobre as mensagens da mídia. Ainda nos anos 70, os estudos voltados para essa área davam ênfase aos efeitos produzidos pelas mensagens veiculadas, como também estavam ligados à corrente dos usos e gratificações, que Robert A. White (1998), em seu artigo *Recepção: Abordagem dos Estudos Culturais*, a define como uma pesquisa que tende a focar exclusivamente os estados psicológicos dos indivíduos. Mencionando David Morley, responsável pela publicação nos anos 80 de *The Nationwide Audience*, que representa a primeira investigação empírica da audiência realizada nos marcos dos Estudos culturais, White explica a teoria:

Esta teoria dos usos e gratificações, segundo Morley, encara a audiência como uma massa atomizada e está mais de acordo com as teorias iniciais de estímulo-resposta. Presume, também uma interpretação individual, particular dos produtos veiculados pelos meios de comunicação. (WHITE, 1998, p.65).

A ruptura das análises de recepção, baseadas na linha de usos e gratificações, pelo Centro para Estudos de Cultura Contemporânea³ vai se constituir algo oposto ao modelo de poder

³ O Centro para Estudos de Cultura Contemporânea surgiu em 1964, na cidade de Birmingham, Grã-Bretanha, para a institucionalização dos estudos culturais ingleses.

ideológico da mídia, na crença assim de que as pessoas são livres para fazer a interpretação que bem desejarem das mensagens que recebem, embora o consumo dos conteúdos veiculados pela mídia seja mais determinado pela oferta da programação, do que pela seleção que as pessoas provavelmente gostariam de fazer. Itânia Gomes (2000), na sua tese de doutorado *Efeito e Recepção: a interpretação do processo receptivo em duas tradições de investigação sobre os media*, define os estudos de recepção com base na corrente dos Estudos culturais como:

[...] um termo guarda-chuva que abriga desde a consideração inicial dos processos de decodificação das mensagens até a ênfase nos *usos dos meios* e no *consumo cultural*, acolhe desde a investigação de campo sobre o modo como os receptores produzem *sentidos* a partir dos textos midiáticos até a *etnografia da audiência*, que procura examinar certos encontros entre media e receptores a partir de sua inserção no espaço doméstico e nas práticas da vida cotidiana. (GOMES, 2000, p.178).

Antecipando esta nova abordagem dos estudos de recepção, feita pelos Estudos Culturais, esteve Raymond Williams em seus estudos sobre a comunicação de massa e a televisão, nos quais verificou que os processos comunicativos estão inseridos num processo cultural mais amplo e que é necessário partir não da noção de meio, mas da noção de prática, do uso social dos meios. “[...] transmitir é sempre oferecer, não é uma tentativa de dominar, de impor, mas de comunicar, conseguir recepção e resposta.”(WILLIAMS,1969, p.325)

Na América Latina os estudos de recepção surgem em meados dos anos 80 como uma alternativa às análises de inspiração estrutural-funcionalista ou frankfurtiana, tendo como propostas teóricas centrais os estudos das mediações que intervêm no processo de recepção das mídias de Jesús Martín-Barbero e Guilherme Orozco, que se preocuparam primordialmente com a recepção televisiva.

O poder de alienação que foi instituído por estudiosos da Indústria Cultural é destituído diante do descontrole de seu alcance e efeito social. As produções televisivas por estarem muito próximas da vida cotidiana de seus receptores provocam transformações que vão além do momento da emissão de seus conteúdos, pois agregam valores das experiências pessoais de quem as assistem.

Pelas características do “espetáculo” e da “imagem”, portanto, a TV ultrapassa a possibilidade de constituir um dos processos de controle social e é em si mesma um recurso (chegando mesmo a constituir um risco) que sensibiliza para o novo, que pode criar disponibilidades para a mudança (PENTEADO, 1991, p. 20).

A televisão constituiu-se em um meio de comunicação de massa universal. A mensagem televisiva ultrapassa a segmentação social e cultural, características de uma sociedade capitalista, diante de um estado de mobilização da platéia diferenciada que atinge. Por meio do espetáculo, sensibiliza e produz de fontes variadas a cultura de massa.

1.1 As mediações no uso da TV

A família se destaca entre os fatores de influência sobre a leitura e codificação da televisão. Segundo Itânia Gomes (2000), para Barbero existem três instâncias mediadoras para análise da televisão: a cotidianidade familiar; a temporalidade e a competência cultural.

A cotidianidade familiar não se limita ao momento da recepção no espaço doméstico, mas traz marcas do próprio discurso televisivo, através do que Barbero denomina de *simulação*

do contato, quando a TV interpela a família, convertendo-a em seu interlocutor e da *retórica do direto*, referindo-se aos modos como a televisão busca operar sua proximidade em relação aos seus telespectadores, a partir de dispositivos que dão forma a própria cotidianidade, como o imediatismo, a simplicidade, a clareza e a economia narrativa.

A temporalidade social para Gomes (2000), na mediação considerada por Barbero, é definida a partir de como a organização do tempo pela TV reproduz a matriz cultural responsável pela organização do tempo cotidiano por meio da repetição e do fragmento. Nessa mesma perspectiva de mediação, a competência cultural se inscreve por meio dos gêneros (melodramas, telejornal, aventura, terror...) que constituem uma mediação fundamental para a recepção televisiva e dão conta das diferenças sociais que a atravessam.

Cada programa ou, melhor, cada texto televisivo remete seu sentido ao cruzamento dos gêneros e dos tempos. Enquanto gênero, pertence a uma família de textos que se correspondem e se reenviam umas aos outros desde os diversos horários do dia e da semana. Enquanto tempo 'ocupado', cada texto remete à consequência horária do que antecede e o segue ou ao que aparece no palimpsesto em outros dias à mesma hora. (BARBERO apud GOMES, 2000, p.216).

Nas pesquisas de comunicação há assim o deslocamento do eixo na produção e no consumo para a verificação do uso que os receptores fazem dos conteúdos de massa.

As mediações são abordadas em uma perspectiva diferenciada com Guilherme Orozco, na perspectiva de se entender a interação da televisão e a audiência, para a existência de um receptor crítico e ativo. Suas preocupações sempre estiveram vinculadas ao educativo e em uma entrevista a Revista Comunicação e Educação⁴ Orozco menciona que direciona sua pesquisa

⁴ GÓMEZ, Guilherme Orozco. Uma pedagogia para os meios de comunicação: aprender a ensinar para transformar, eis as preocupações de Guilherme Orozco Gómez ao tratar do campo comunicação/educação. Entrevista de: FÍGARO, Roseli. **Revista Comunicação & Educação**, São Paulo, 12, 77 a 88, maio/ago, 1998.

a uma pedagogia para os meios de comunicação através da escolha do estudo de recepção de telespectadores a partir de seus processos de interação com a TV. “É preciso trabalhar com as três instituições, a família, a escola e a televisão, para entender a dinâmica que se gera nos processos de recepção e as possibilidades de intervenção pedagógica netas áreas” (GÓMEZ, 1998, p.78).

Nas investigações em relação à recepção televisiva infantil, Orozco considera a interação da criança e a TV um processo complexo de aprendizagem informal que não ocorre somente ao tempo de se estar à frente da tela da televisão, mas que é influenciada por várias mediações:

As mediações das crianças provêm de várias fontes: a mente, a TV mesma, tanto como meio técnico como uma instituição socializante, outras instituições socializantes, como a família e a escola, a cultura da qual são membros as crianças, o sexo, a etapa de desenvolvimento intelectual e afetivo, o lugar de origem e de residência e o estrato socioeconômico, etc. (OROZCO apud GOMES, 2000, 221).

Nas investigações para compreender o processo receptivo, segundo Gomes (2000), Orozco elabora premissas como: a comunicação se sustenta no pólo da recepção não da emissão, pois mesmo que haja intencionalidade do emissor, não é garantia de aceitação dos sentidos propostos; o receptor sempre participa de outros processos e interações sociais; a recepção não se esgota no contato direto com as mensagens dos meios de comunicação, transcende e está imbricada com as práticas cotidianas dos receptores.

Para Guilherme Orozco Gómez (1991 apud GOMES, 2000, p.222) também a exposição ao meio não é variável condicionante para o processo receptivo e o receptor tem o seu perfil constituído também por aprendizagens múltiplas. A recepção é interação com meios, mensagens, a cultura, as instituições e deve ser entendida como um processo sempre e necessariamente mediado. “[...] a interação com a televisão não é um processo que se dá no

vazio, no ar; é concreto. Manifesta-se, principalmente, através da família e, no caso das crianças, também na escola.”(GÓMEZ, 1998, p.78).

1.2 O telespectador infantil

No séc. XXI, a programação televisiva tem sido a principal fonte de informação e divertimento de uma significativa parcela da população brasileira. Segundo Beth Carmona (2002), cerca de 159 milhões de pessoas fazem da televisão um instrumento essencial de conhecimento no dia - a - dia. Na constituição deste quadro, a presença do público infantil é fundamental, pois afirma “(...) mais de 85% dos lares brasileiros possui pelo menos um aparelho de TV e estima-se que em cada um desses lares haja aproximadamente duas crianças. Mais de 32% da população está na faixa dos 0 a 14 anos.”(CARMONA, 2002, p. 333).

Os julgamentos dos efeitos manipuladores da TV, de suas ações maquiavélicas sobre os telespectadores, principalmente no que diz respeito ao público infantil, estão aos poucos sendo deixados de lado. As idéias sobre o poder de alienação, criação de modismos, o poder de dirigir comportamentos, de impedir a inter-relação familiar, estão sendo redimensionadas para a contextualização do espectador. Os estudos sobre o meio televisivo atualmente parecem centrar-se mais no receptor do que no meio de comunicação em si. As experiências do receptor, a família, as condições sociais e o universo cultural em que vive exercem tanta influência para a sua construção de visão do mundo quanto à mensagem televisiva.

A criança quando telespectadora, ao contrário do que muitos estudiosos pensam, não é passiva diante dos conteúdos emitidos. Ela possui a capacidade de ser seletiva e decidir quais os

programas podem fazer parte de seu mundo próprio de fantasia e brincadeiras e conseqüentemente de conhecimento. A televisão possui efeitos limitados sobre a criança. Segundo Carneiro (1999, p. 54), “diversas mediações cognitivas, culturais, situacionais, estruturais, ocorrem no processo de recepção além daquelas ligadas ao próprio meio televisivo e à intencionalidade do emissor”.

A criança quando assiste à TV há entre o produto emitido e a recepção um processo muito complexo. O conteúdo exibido pela TV até chegar à criança passa por muitos filtros e operações mediadoras. Para Rocco (2004), as crianças ao se relacionarem com a televisão elaboram níveis de interesse e atenção variados, principalmente pelos apelos existentes ao seu redor. “Os acontecimentos corriqueiros da vida cotidiana dispersam a atenção da criança e atraem para si boa parte dessa atenção.”(ROCCO, 2004, p.132). O poder desses filtros e mediações, segundo Rocco (2004), é dada pela conjunção de dois fatores: a separação nítida feita pelas crianças da ficção e realidade e a ação do zapping, que acabam reafirmando a importância das mediações, dos filtros invisíveis próprios da recepção.

A criança pode na relação com a TV aprender incidentalmente se divertindo, usando da fantasia, da imaginação, permitindo-se ter uma prazer além dos limites de seu cotidiano.

É por meio dessa magia, desse fantástico, que cada criança elabora suas perdas, materializa seus desejos, compartilha da vida animal, muda de tamanho, liberta-se da gravidade, fica invisível e , assim, comanda o universo por meio de sua onipotência. Dessa forma,ela realiza todos os seus desejos e as sua necessidades. Mas é inaceitável acreditar que durante tais jogos a criança seja passiva e acrítica. É inaceitável pensar que ela confunda ficção com realidade. Aliás, creio que uma não existe sem a outra. Não há realidade que não seja mesclada de ficção, e esta, baseia-se no real. A criança [...] transita de uma para outra e se diverte. (PACHECO, 2004, p.34).

A televisão, segundo Mello (2003), impera a ficção, o espetáculo, o signo indicial e a dessimbolização como mecanismos que lhe permitem construir sua própria realidade. Uma realidade construída a partir da nomeação de objetos, personagens, situações que têm a pretensão de serem identificadas pelos telespectadores a partir da comparação com o cotidiano de suas vidas e das intenções de um autor. Os elementos simbólicos da linguagem televisiva não são utilizados somente para nomear uma realidade existente. Como todo ato lingüístico – ato mesmo de nomear constrói uma realidade – a linguagem da televisão é um recorte da realidade, uma acomodação do real.

A televisão, para Mello (2003), não é referência da realidade do mundo e sim de si mesma. A dimensão do real é estabelecida dentro de suas propriedades imagéticas, particularizada pelo direcionamento que se dá a cada conteúdo abordado. Este direcionamento proporciona a especificidade, mas de certo modo, também uma superficialidade de suas representações que visam à compreensão imediata dos mundos que são fabricados por ela (a TV).

A possibilidade de uma construção criativa usando os conteúdos oferecidos pela TV, entretanto, é permeada por signos. A tônica consiste em mostrar, indicar, constatar; o que explica o caráter entretenedor da televisão, porém esta capacidade de facilitar o entendimento da realidade do mundo que apresenta, não deve ser almejada para a alienação de seus receptores, e sim proposta para a compreensão mais rápida de suas mensagens que levam a um conhecimento complementar ao já adquirido no convívio social dentro e fora dos espaços da escola.

Os meios propõem uma realidade, uma cultura e estas necessitam ser bem analisadas e reconhecidas em suas particularidades pelos receptores de suas mensagens. Para isto se faz essencial que, o sistema educativo forme pessoas capazes de discernir entre sua cultura pessoal, grupal e a cultura dos meios de comunicação. É preciso que as pessoas educadas formalmente pela escola para se tornarem cidadãos sejam capazes de tomar posição frente o que é proposto

como cultura da mídia, decidindo seguir ou não essa cultura, ou seja, criar condições para o surgimento de um critério pessoal.

CAPÍTULO II

PEDAGOGIA DO ENTRETENIMENTO: O CASTELO RÁ-TIM-BUM COMO EXEMPLO

O sistema de televisão brasileiro se inspirou no modelo americano de fazer televisão. Um modelo que se estruturou pelas leis do mercado e sustentado pela publicidade possui como principal produto o entretenimento. Nos anos 70, definiu-se legalmente a televisão educativa brasileira como a não-comercial. A programação televisiva educativa deveria seguir um modelo sério em oposição ao caráter de entretenimento da televisão comercial, no qual negasse o divertimento e priorizasse o ensino por meio de um formato que lembrava a sala de aula, uma exposição professoral, ainda que ancorada em materiais audiovisuais. Os programas televisivos conceituados como educativos seguiam assim o modelo clássico de gênero de escola, estritamente didático e com o uso das linguagens do livro e da sala de aula para fazer televisão.

A audiência acabava, portanto, constituída por pessoas de maior nível de escolaridade, que buscavam uma programação mais erudita e não de satisfação imediata existente nos programas de entretenimento da televisão comercial. O grande desafio se fazia (e ainda se faz) presente, sobre a interrogação de como tornar atraente os programas educativos ao segmento maior da população brasileira, que compartilha valores da cultura de massa e possui acesso apenas aos canais abertos de televisão.

A concepção de educativo como oposição a entretenimento tornou-se traço específico da televisão educativa. Para Carneiro (1999), o desejo de transformar a programação televisiva

numa sala de aula formal redundou num pedagogismo enfadonho. Na relação criança e TV ignoravam uma formulação audiovisual narrativa lúdica que realmente estimulasse o desenvolvimento intelectual do público alvo infantil. O aprendizado proposto por estes programas partia de uma pedagogia formal distante do mundo imaginário, de criatividade e divertimento desejado pelas crianças.

As crianças, segundo pesquisa de Schramm eram mais intolerantes que seus pais em relação à proposta de assistir a programas educativos em suas casas. Mas apesar da não-aceitação da programação educativa e da busca da diversão na televisão não recusavam o aprendizado proporcionado pela programação de entretenimento [...] Reconheceu-se à televisão como fonte de fantasia, informação, formação (SCHRAMM apud CARNEIRO, 1999, p. 7).

A programação conceituada como educativa, no entanto, precisava de um novo formato menos didático e mais divertido. Fez-se necessário o surgimento de programas que combinassem criatividade, educação e entretenimento. O primeiro exemplo de programa infantil que misturava conceitos e diversão surgiu em 1969, nos Estados Unidos, o *Sesame Street*, que na versão brasileira ficou conhecido como *Vila Sésamo*, e servem de modelo até hoje para a elaboração de programas educativos inovadores.

Nos anos 80 e 90 a televisão educativa brasileira representada pela produção da TV Cultura, pertencente à Fundação Padre Anchieta, avançou na reconceituação de educativo e atingiu consideráveis índices de audiência. A produção de séries como *RáTim-Bum*, 1990, *Mundo da Lua*, 1991 e o *Castelo Rá– Tim-Bum*, 1994, legitimou-a como uma emissora produtora de programas educativos.

A TV Cultura apesar de suas restrições burocráticas e financeiras, por se tratar de uma rede pública de televisão, já ganhou com suas produções cerca de cento e treze prêmios

internacionais. O presidente do Conselho Curador da TV Cultura, Jorge Cunha Lima (2003), a definiu como uma emissora pertencente a uma fundação de direito privado que possui uma sorte histórica em termos de televisão pública, pois conseguiu em sua estrutura institucional jurídica ter a manutenção e o custeio do governo, mas é dirigida por um Conselho representativo da sociedade.

Dentre as suas produções de destaque está à criação por Cao Hamburger e Flávio de Souza do *Castelo Rá-Tim-Bum*. Um programa de intenção pedagógica que possui uma estrutura tecida em matrizes culturais, mas que também seguiu na sua formatação os padrões comerciais almejados pela televisão.

2.1 O castelo como referência de programa infantil educativo

O Castelo estreou na emissora em 1994 e seus noventa capítulos foram ao ar durante um ano. Na época do seu lançamento, a TV Cultura ousou ao colocá-lo no ar às 18h30, um horário em que não existiam programas do gênero. A audiência, durante o ano de estréia, segundo matérias publicadas na mídia, chegou a 18 pontos no Ibope, batendo as outras redes.

Premiado muitas vezes e atingindo em sucesso significativo na mídia pelos seus altos índices de audiência, o programa recebeu a medalha de prata do 37º Festival de New York de 1994 e 1995, e foi considerado pela Associação Paulista de Críticos de Arte (APCA), o melhor programa infantil de 1994 por meio do prêmio APCA de Melhor Infantil. Em 1998, foi a vez do prêmio IX Melhores e Piores da Televisão Brasileira da TV Press - Melhor Programa Infantil.

No ano de 2004, após dez anos de sua existência e contínua exibição, o MídiaQ em parceria com a Fundação Ativa, a partir dos resultados de pesquisa, realizada entre 2003/2004, formou um Conselho com representantes de diferentes setores da sociedade para eleger os melhores programas assistidos por crianças e jovens de 4 a 17 anos, dando ao Castelo na categoria de programa infantil, para o público de 4 a 7 anos de idade, o prêmio MídiaQ.

A série *Castelo Rá-Tim-Bum* desde 1995, vem sendo reprisada e no ano 2000, segundo matéria publicada, ainda contava com uma boa pontuação para a TV Cultura: média de 4 a 5 pontos de audiência. Hoje, após treze anos de sua estréia, pode ser assistido no canal por assinatura da emissora, a TV Rá-Tim-Bum, todos os dias da semana, nos horários 07h15min;11h15min;15h15min e19h30min.

A família *Rá-Tim-Bum* obteve êxitos comerciais e o programa *Castelo Rá-Tim-Bum* foi fruto também de variados produtos no mercado: coleção de livros, vídeos, discos, brinquedos, iogurte. Na estréia do filme em 2000, novos produtos foram lançados, num mercado que movimentou mais de R\$3,5 milhões.

A série *Castelo Rá-Tim-Bum* explora o universo das crianças com modernos recursos de animação, bonecos, atores, efeitos especiais e canções criadas especialmente para seus temas e personagens. O *Castelo Rá-Tim-Bum* consegue atingir seu público alvo infantil usando uma estratégia milenar, a de contar histórias. O emocional e o racional se misturam frente à narrativa dramática do personagem herói Nino, de 300 anos, que busca a todo o momento superar a falta de amigos e dos conhecimentos que podem ser obtidos na escola.

O mundo que envolve a série provém da relação de um mundo de fantasias com o mundo real. Segunda a autora Vânia Carneiro (1999), que já desenvolveu um estudo sobre a estrutura narrativa da série, o Castelo possui como referência quatro mundos: o mundo mundano

- transformado pelas relações com o mundo fantástico - o mundo da sala de aula – referente às crianças que freqüentam a escola, ao desejo do herói de ir para a escola e a objetos que lembram escola - o mundo do especialista – referente a presença de especialistas de várias áreas do conhecimento. Todos estes mundos são permeados pelo mundo fantástico. A fantasia atende às solicitações do aprender, mesmo em meio a uma criança de 300 anos de idade, bichos que falam, bruxa, fada.

Este programa conseguiu, por meio da apresentação de um mundo ficcional da fantasia e do imaginário, trazer aspectos do mundo real da criança dentro e fora da escola. Para Vânia Carneiro “[...] o programa *Castelo Rá- Tim-Bum* rompe com a concepção hegemônica de programa educativo como “gênero escolar”, que pressupõe público cativo e mediação na sala de aula” (1999, p.13).

A permanência de quadros que incitem o conhecimento a respeito de higiene e saúde, coordenação motora, percepção visual, e sua estratégia de articulação a narrativa principal vira fórmula certa para produções educativas televisivas de sucesso como *Rá-Tim-Bum* e o *Castelo Rá-Tim-Bum*. “A repetição de padrões narrativos na televisão atende a necessidades do conhecido. A segurança se traduz pela repetição do conhecido. A novidade está nas variações acidentais” (CARNEIRO, 1999, p. 202).

No *Castelo Rá-Tim-Bum* parece haver sempre a intenção de estimular o desenvolvimento de conteúdos básicos para aprendizagem infantil, como noções do conhecimento lingüístico; lógico-matemático e das ciências da sociedade e da natureza. Os quadros, que seguem a lógica narrativa da história de cada episódio da série, trazem para a linguagem televisiva aspectos de outras linguagens: a linguagem do teatro de bonecos, como o manuseio dos fantoches nos diálogos entre os personagens o Mau e o Godofredo, e as Marionetes dançarinas da lareira; a linguagem musical, nas músicas orquestradas do mundo, no globo

terrestre, pelo som dos instrumentos evocados pelos passarinhos; a linguagem pictórica, no quadro de pinturas. Também a linguagem corporal pode ser observada nas danças dos bailarinos na pianola e na caixinha de música (Ver descrição de personagens e cenários em Apêndice A). Os quadros podem ser definidos como pedagógicos ao incentivarem o aprendizado infantil por meio de cenas que levam ao ato de orientar, ao ato de conhecer, ao ato de questionar, ao ato de imaginar.

A intencionalidade do programa de ser educativo parece estar presente ao conseguir mostrar quadros pedagógicos junto ao mundo de fantasias proposto pelo programa infantil, por meio de uma linguagem televisiva rápida e fragmentada. O lúdico é absorvido como aprendizado nos temas desenvolvidos pela série e não se encontra separado do conhecimento adquirido pelas crianças, como propõe a prática pedagógica atual. Prática esta ainda não suficientemente trabalhada nas atividades curriculares propostas por muitas escolas brasileiras.

2.2 A criança e o aprendizado pela TV

A exposição diária de brasileiros aos conteúdos televisivos vem atingindo principalmente o público infantil. Pais e mães trabalhadores muitas vezes utilizam a TV como recurso de distração para os seus filhos ao estarem fora de casa ou até mesmo quando se encontram cansados, exauridos da luta do dia-a-dia profissional. Segundo Carmona, “as crianças brasileiras ficam, no Brasil, em torno de três horas diárias assistindo à TV e são expostas constantemente a programas de adultos. Assistem e gostam” (CARMONA, 2004, p.66).

A utilização deste instrumento da indústria cultural, no entanto, não abarca somente o seu poder de distração ou de refúgio para seus telespectadores. Faz-se necessário o reconhecimento deste meio de comunicação como mecanismo de informação, de conhecimento, que oportuniza um aprendizado aos telespectadores quer paralelo ao adquirido pelos currículos escolares ou para aqueles que nunca obtiveram um currículo oficial.

No processo de socialização da criança, modelos de comportamento, valores morais são incitados pelo meio televisivo e produzem para ela um sistema de referências, de situações, que atribuem a TV mais do que a função de uma fonte de prazer e diversão, uma fonte de respostas a questões sobre o mundo que a rodeia.

A televisão também acaba por se constituir em uma forma de brincar para as crianças, e toda brincadeira leva ao ato de criação, ao exercício do imaginário, nos quais a realidade pode ser reinterpretada, adquirindo novos valores e sentidos a todo instante. No seu artigo presente no livro *Televisão, criança, imaginário e educação: Dilemas e diálogos*, em que questiona a posição da televisão como babá eletrônica, Ana Lúcia Magela de Rezende traz a seguinte afirmativa:

As programações televisivas, em geral, podem oferecer estímulos à verbalização. Crianças encorajadas a relatar episódios de programas, as notícias que mais lhe chamaram atenção ou um novo comercial, podem interpretá-los em suas brincadeiras, exercitar oportunidades sociais de observação de similitudes e diferenças e verbalizar o que assistiram na TV, fazendo pontes com sua vida cotidiana (REZENDE, 2004, p. 81).

A concepção da produção educativa para a criança deve incorporar em seu processo, o afetivo, o emocional para o seu desenvolvimento intelectual e cognitivo, pois a relação da criança com a televisão também constitui um espaço para o desenvolvimento lúdico, para a participação do seu universo de interações, descobertas, investigações, que evidenciam um

caráter ativo da recepção infantil. A fantasia, a diversão e aprendizagem se constituem em aspectos essenciais para o uso da televisão pelo público infantil.

A televisão representa uma escola paralela, onde o mundo mágico das imagens em movimento, com sons fantásticos, cores vibrantes, emoções e aventuras, pode ser mais do que simples divertimento, um aprendizado espontâneo pelo entretenimento, sem que necessariamente exista uma intencionalidade educativa na mensagem produzida, mas que muitas vezes educa, informa, formula um conhecimento ao espectador. Este fato não pode ser assim ignorado pelos educadores no processo de ensino/aprendizagem dos alunos que estão diante desta linguagem diferenciada.

A TV não deve ser vista como uma ameaça à dinâmica da escola e sim como um fenômeno que pode favorecer o desenvolvimento da consciência crítica dos educandos. A aprendizagem pode ser prazerosa e também uma forma de lazer ao se utilizar a TV neste processo, à medida que se considera o acervo de informações do aluno, seu estado de mobilização e as representações icônicas que já possuem. A afirmativa de Heloísa Penteado se faz pertinente ao incentivar a construção de uma pedagogia da comunicação no ambiente escolar a partir dos desafios propostos, por exemplo, pelo meio televisivo:

Entender a TV como um desafio à escola é tentar lidar com este fenômeno, enquanto educadores, de maneira abrangente, de forma que se aproveitem as vantagens que leva, a colaboração que presta e aquilo que não diz, num trabalho que visa favorecer o desenvolvimento da consciência crítica dos educandos (PENTEADO, 1991, p. 116)

A mensagem televisiva se constitui pela linguagem audiovisual, que se apóia muitas vezes na ficção narrativa e na identificação emocional do telespectador envolvido. Uma linguagem que afeta a fantasia, o desejo em detrimento da razão do receptor. Não se pode exigir

da televisão à linguagem analítica, explicativa da escola. A compreensão do conteúdo ocorre pela interpretação e identificação pública das representações simbólicas produzidas pelo meio cotidianamente.

Programas como o *Castelo Rá-Tim-Bum* devem ser valorizados também dentro da escola, pois a sua estratégia audiovisual de composição traz inúmeras contribuições para a formação de conceitos da vida social entre as crianças, como os valores de socialização, respeito às diferenças e o incentivo a descoberta do novo para a produção do conhecimento.

CAPITULO III

PERCURSO METODOLÓGICO DO ESTUDO DE RECEPÇÃO

No interesse em pesquisar como conteúdos televisivos podem contribuir para o aprendizado infantil, esta pesquisa obteve como objeto de estudo o processo de recepção da informação educativa veiculada na série Castelo Rá-Tim-Bum por uma turma de 1^o ano do ensino fundamental (alfabetização), da Escola Luz Infância. A pesquisa em questão foi realizada por meio de uma análise-descritiva, de caráter qualitativo, em um espaço de ensino privado onde a própria pesquisadora atua também como docente em aulas de informática e os receptores são também seus alunos, tendo assim o caráter das observações como participantes, sem que houvesse nenhum momento de resistência ou inibição por parte dos entrevistados. Este trabalho de pesquisa segue assim a afirmativa de Marli Eliza D. A. de André no qual:

O interesse do pesquisador ao selecionar uma determinada unidade é compreendê-lo como uma unidade. Isso não impede, no entanto, que ele esteja atento ao seu contexto e às suas inter-relações como um todo orgânico, e à sua dinâmica como um processo, uma unidade em ação. (ANDRÉ, 1995, p. 31)

Por compartilhar da visão de que o receptor é sujeito ativo, situado em um contexto sociocultural, interessava conhecer os gostos, preferências espontâneas, necessidades das crianças que estivessem também em conexão às suas experiências cotidianas e auxiliassem em seu processo de aprendizagem de alguma forma. Para Morley citado por White em seu artigo sobre *Recepção: Abordagem dos Estudos Culturais* “[...] precisamos encarar as leituras da mídia como

parte de um processo social de movimentos culturais que englobam os indivíduos em uma esfera cultural mais ampla.”(MORLEY apud WHITE,1998, p. 65).

A amostra para o desenvolvimento da pesquisa consistiu em diferentes etapas definidas em encontros de orientação monográfica:

Na primeira etapa ocorreu uma entrevista semi-estruturada com a professora da turma; a verificação na TVE de episódios existente da série, referentes aos conteúdos curriculares trabalhados em sala de aula pela professora e seus alunos no ano letivo de 2006; e a observação geral em vídeo das narrativas contidas nos episódios da série selecionados.

Na segunda etapa, já com os episódios escolhidos para o estudo de recepção, foi iniciada uma observação diagnóstica dos conteúdos junto aos alunos da turma por meio da elaboração de desenhos em diferentes equipes e a explicação de cada uma de como haviam representado às temáticas abordadas.

A terceira e, última etapa, consistiu na exibição dos episódios nos horários de aulas disponibilizados pela professora e acordado com a direção da escola, na qual após a exibição de cada episódio havia discussões, diálogos abertos com os alunos. Ao dialogar com as crianças a pesquisadora buscou a todo o momento um outro olhar, colocar-se na perspectiva do outro, das crianças, sem que houvesse nenhum tipo de rigidez e enquadramento, como podemos encontrar em questionários pré-estabelecidos. As falas das crianças da turma expostas nesta pesquisa serão representadas pela as duas letras iniciais do nome de cada uma delas, destacadas em negrito, preservando assim as suas verdadeiras identidades.

O estudo bibliográfico para a presente pesquisa foi realizado paralelo à coleta de dados, nos quais foram levantadas questões teóricas a respeito dos estudos de recepção de programas televisivos, por meio de autores como White, Gomes, Barbero e Orozco, a relação da mídia e a criança, a história da programação infantil e educativa brasileira, por Beth Carmona,

Heloísa Penteado, da relação da criança e o desenho com Viktor Lowenfeld, o desenvolvimento social da mente com Vygotsky, o estudo da série Castelo Rá-Tim-Bum, com a autora Vânia Carneiro, entre outros.

3.1 O espaço da Escola

A Escola Luz Infância é uma instituição de ensino privado e está situada no bairro de Stella Mares, próxima a condomínios residências de classe média. Pode ser considerada uma escola de bairro de médio porte já que sua localização é próxima à moradia de grande parte de seus alunos. A escolha do próprio ambiente da escola, onde cotidianamente a turma analisada freqüentava, foi tanto pela facilidade de acesso às crianças, haja vista que o local se consistiu como espaço de atuação profissional da pesquisadora, como também pela possibilidade do desenvolvimento de um outro tipo de trabalho pedagógico jamais realizado anteriormente na escola, no qual os alunos poderiam ter como atividade a reflexão sobre conteúdos apresentados em um programa de origem televisiva.

A Escola Luz Infância atua há nove anos na área de educação infantil, tendo sua infraestrutura ampliada ao longo dos últimos quatros e então, atualmente, oferecendo também o ensino fundamental. No ano de 2007 suas turmas vão desde do grupo 2, correspondentes a alunos na faixa etária de dois anos, ao 4º ano do ensino fundamental (antes da lei n º 11.274/2006, denominada de 3ª série), correspondentes aos alunos na faixa de 9 anos de idade.

No espaço físico da escola podemos encontrar salas bem decoradas com figuras coloridas e murais para a exposição dos trabalhos elaborados pelas crianças. A área de lazer é

composta por parque de areia, de plástico e mesas de jogos de totó e futebol. Não há quadra de esporte, mas apenas uma piscina na área do fundo, onde são praticadas as aulas de natação. No ambiente de dois andares composta por oito salas de aula, na parte superior, também podemos encontrar uma pequena biblioteca, que nos intervalos é utilizada como sala dos professores, a sala de coordenação, a sala de informática, hoje composta por quatro computadores e a sala de balé que é também utilizada como sala de vídeo, onde podem ser encontrados aparelho de som, vídeo, dvd e uma TV de 29 polegadas. Para a observação diagnóstica e a exibição dos episódios para o estudo de recepção foi utilizada a própria sala de aula da turma e a sala de vídeo da escola.

3.2 A escolha da turma de alfabetização

A turma escolhida para o desenvolvimento do trabalho de pesquisa foi o 1º ano do ensino fundamental (alfabetização), justamente por se tratar de uma série de transição entre a educação infantil e o fundamental, aonde uma nova postura começa a ser cobrada dos alunos pela escola. Por algumas vezes, durante o ano de 2006, a pesquisadora obteve oportunidades de se aproximar mais da turma, durante algumas ausências da professora em classe, assumindo o papel até mesmo de professora substituta.

Na preocupação em selecionar episódios que estivessem de acordo com os conteúdos curriculares presentes nos planejamentos de aulas já realizados ou ainda não pela professora da turma, a entrevista semi-estruturada com a professora Patrícia Freitas se fez essencial para conhecer o perfil de seus alunos, saber mais sobre a participação dos pais no processo de

aprendizagem deles, a existência ou não de acesso aos recursos midiáticos e de que maneira a mídia televisiva tem sido trabalhada com o grupo na escola.

Para a realização da entrevista foi utilizado um gravador de áudio mp3 e um diário de anotações. Como em uma conversa informal, questões já por mim anotadas eram mencionadas para nortear o diálogo entre mim e a professora. A entrevista que já tinha sido remarçada duas vezes por motivos pessoais da entrevistada, que preferiu fazê-la fora do ambiente de trabalho, ocorreu em um shopping da cidade de Salvador. O local escolhido foi em um momento de descanso da professora que acabara de fazer compras para o enxoval do seu bebê, estando ela grávida de cinco meses.

A professora Patrícia Freitas leciona em uma classe de grupo 6, atualmente definida pela lei n ° 11.274/2006, como 1 ° ano do ensino fundamental, também ainda denominada pelos profissionais da educação de classe de alfabetização. No período da presente entrevista, realizada em 09 de setembro de 2006, sua turma era composta por 15 alunos, nos quais oito eram provenientes da turma do grupo 6 vespertino, extinta pela escola, no segundo semestre de 2006. Um grupo de alunos na faixa etária de 5 a 6 anos, composto por seis meninas e nove meninos, considerados de classe média e média alta, no qual ela em sua fala os caracterizou como dependentes, mas muito criativos.

3.3 Seleção de episódios para identificação de conteúdos

A entrevista realizada com a professora Patrícia Freitas possibilitou um melhor direcionamento da seleção de conteúdos para a escolha dos episódios a serem exibidos durante a

pesquisa de campo. O estudo de recepção realizado com os alunos do 1º ano do ensino fundamental (alfabetização), da Escola Luz Infância baseou-se nos seguintes temas: alimentação, eleição, higiene, reciclagem.

No dia 14 de setembro de 2006, em visita a videoteca da TV Educativa, foi verificado a partir do acervo disponível de fitas VHS dos episódios da série Castelo-Rá-Tim-Bum, quais os episódios que poderiam ser utilizados para o estudo de recepção, observando em cada um o desenvolvimento das narrativas e seus respectivos quadros pedagógicos referentes aos conteúdos selecionados. A verificação dos episódios foi realizada em dois momentos devido a restrições de dias de locação cedidas pela videoteca. A observação dos episódios iniciada em vídeo pessoal teve que ser concluída na sala de vídeo da própria escola, em horários disponibilizados pela direção, devido a problemas técnicos no aparelho de vídeo de casa.

Episódios selecionados:

“Eu prometo” – possui como temática central às eleições; conceitua as eleições, como ocorre e qual o seu objetivo.

“Tudo se transforma” – possui como temática central à reciclagem, incentiva a preocupação com a coleta de lixo de maneira seletiva, traz a informação de como podemos criar por meio da reciclagem com diferentes materiais.

“Não engorda e faz crescer” - possui como temática central à alimentação, aonde há o campeonato de sanduíches. Foi utilizado para abordar a questão da alimentação saudável.

“Ciúmes eu?” - possui como temática central o ciúme entre amigos, entretanto traz vários quadros sobre higiene, que foram selecionados para exibição.

A exibição dos episódios somente pôde ser realizada em dias e horários, nos quais a professora Patrícia Freitas considerou como sem “atividades lúdicas”.

3.4 Observação diagnóstica: representação de conteúdos em desenhos

Inicialmente em acordo com a professora Patrícia Freitas, foi realizada uma atividade lúdica para a representação dos conteúdos selecionados em desenho, com objetivo de observar e identificar os conhecimentos prévios dos alunos do 1º ano do Ensino Fundamental (alfabetização).

A atividade de desenho com os alunos obteve permissão da direção da escola para ser realizada somente em dia das aulas de arte, que sempre ocorriam às sextas-feiras, durante o tempo de duração de 30 min. No dia 29 de setembro de 2006 pôde ser realizado este primeiro encontro com o grupo composto por 15 alunos, no qual foi subdividido em cinco equipes de três alunos. Explicando a atividade que faríamos, os temas foram colocados no quadro para a divisão das equipes em trio. A abordagem superficial dos temas foi realizada de maneira intencional para que eles apenas desenhassem de acordo como o conhecimento que já possuíam sobre o assunto. A atividade foi elaborada na própria sala de aula deles, já que o espaço da sala de vídeo estava sendo ocupado pelas aulas de balé. Foram distribuídas folhas de ofício para cada equipe, lápis de cores, lápis de cera e hidrocores.

Perguntas escritas no quadro para abordagem superficial de cada tema:

Alimentação – O que é uma alimentação saudável?

Eleição – O que é eleição? O que é votar? Como acontece?

Higiene – O que devemos fazer para cuidar do nosso corpo?

Reciclagem – O que devemos fazer como o nosso lixo? O que é coleta seletiva?

Por se tratar de tema vigente na época da pesquisa, duas equipes ficaram com o tema eleição e as demais, cada uma com os outros temas: alimentação saudável, higiene, reciclagem (Ver em anexo Fig.1 e 2 sobre eleições e demais temáticas em Fig.3, Fig.4, Fig.5 respectivamente). Durante o processo de representação, as duas equipes que ficaram responsáveis pelo desenho das eleições obtiveram dúvidas sobre o que desenhar.

Finalizada a representação dos desenhos por cada equipe, após 20 min, a pesquisadora dirigiu-se a cada grupo para que as crianças explicassem o significado dos seus desenhos. As explicações foram gravadas em mp3, durante os 10 min restantes do tempo estabelecido, e todas as observações durante a realização da atividade foram devidamente anotadas pela pesquisadora em diário de anotações. Ao término do encontro, foi anunciado pela observadora aos alunos participantes, a exibição dentro alguns dias de episódios da série Castelo Rá-Tim-Bum que estivessem de acordo com temas que foram por eles ali desenhados. Uma espécie de euforia tomou conta da sala e todos gritavam felizes e ansiosos para saber quando aconteceriam as exposições.

3.5 Observação para análise de recepção: exibição dos episódios do Castelo

Para as exposições dos episódios foi estabelecido pela professora da turma dias nos quais ela considerava sem atividade lúdica, de acordo com o quadro de horário da turma. As exposições ocorreram assim durante quatro dias, nas terças e quintas de semanas que se seguiram. Os episódios selecionados possuem duração em média de 20 min cada. Sendo disponibilizado

assim pela direção da escola para a realização do trabalho de recepção 50 min, correspondentes a hora-aula.

As exibições dos quatro episódios selecionados foram realizadas utilizando as próprias fitas VHS da TVE para que não fosse ainda mais comprometida a qualidade de imagem e áudio em cópias para fita ou dvd. O espaço disponibilizado para a exibição foi à sala de som e vídeo da escola, porém a última exibição ocorreu na própria sala de aula dos alunos devido a reformas na sala de som e vídeo para um evento do balé.

Para a análise receptiva foram estabelecidos dois momentos: no primeiro momento era sempre exibido o episódio sem maiores explicações por parte da observadora aos entrevistados (as crianças); no segundo momento as crianças sentavam em roda e espontaneamente, num sistema de levantar o dedo e falar, davam a sua opinião sobre cada questão abordada pela pesquisadora de acordo como os episódios exibidos e a sua intencionalidade.

Durante a exibição, observações feitas pela pesquisadora eram registras em diário e as discussões feitas com as crianças pós-exibição dos episódios eram também registradas em gravação de áudio mp3.

A pesquisadora realizou quatro dias de exibição e pretendia, repetir a atividade para reafirmar observações já feitas nestes encontros, porém tornou-se inviável, pois a própria direção da escola não mais disponibilizou dias para a repetição dos encontros com os alunos, alegando que havia uma certa urgência no cumprimento dos conteúdos curriculares da turma para o final do ano letivo.

Na terça-feira do dia 03 de outubro de 2006 estiveram presentes todos os 15 alunos da classe na exibição do episódio “Eu prometo?!”. O episódio traz como temática central às eleições. A história desse episódio inicia-se com saída do personagem Dr. Vitor para um

congresso científico que deixa a responsabilidade de tomar conta do Castelo com a cobra Celeste. Abusando do poder e não gostando das ordens recebidas por Celeste, o personagem Nino e seus amigos Pedro, Zeca e BiBa resolvem fazer uma eleição para saber quem deveria tomar conta do Castelo na ausência do tio do Nino, o Dr. Vitor. (Ver descrição de personagens e cenário em Apêndice A). Neste episódio, no desenvolver da história para a realização de uma eleição, vários quadros pedagógicos são mostrados, como o de Tia Morgana, Como se faz, As fadas, entre outros que poderão, na presente pesquisa, ser verificados nas análises dos quadros para aprendizagem infantil.

As discussões estabelecidas com as crianças, após a exibição do episódio, priorizaram a reflexão sobre a temática abordada, por exemplo, como acontecem as eleições, a sua importância, haja vista que esta exibição ocorreu após o final de semana das eleições e posterior a atividade de candidatura feita na escola por cada classe e que, infelizmente, não se concretizou com uma seção de votação pela escola. Na exibição do episódio também houve a identificação dos personagens pela turma e a discussão de valores morais presentes no episódio.

No dia 05 de outubro de 2006, na quinta-feira da mesma semana, foi exibido o episódio “Tudo se transforma”. Estava o total dos 15 alunos presentes. O episódio tem como proposta educativa o incentivo à coleta seletiva e a reciclagem. A história se desenvolve a partir da tentativa do personagem Nino e seus amigos Pedro, Zeca e Biba em descobrir quem estava sujando o Castelo com cascas de banana. Na descoberta de que se tratava de mais uma arte da personagem Caipora, os personagens tomam conhecimento da máquina criada por Nino e seu tio Vitor que, por meio de uma coleta seletiva, produz objetos reciclados. Quadros como o Ratinho virando aspirador, Como se faz, As fadas, entre outros, que serviram de análise da aprendizagem infantil a partir do programa, puderam ser observados neste episódio. As discussões foram norteadas a partir de questões que levavam a reflexão de atitudes de alguns personagens a

respeito do cuidado com o lixo, o que é coleta seletiva, o momento que mais gostaram, que programas eles gostariam que fossem trazidos para a sala de aula.

O terceiro dia de exibição ocorreu na terça-feira seguinte, na data do dia 10 de outubro de 2006. Estiveram presentes 13 crianças do total de 15 alunos. O episódio exibido foi “Não engorda e faz crescer”. O tema central deste é o alimento. Diferentes alimentos são mostrados durante o episódio, mas sua narrativa central está no concurso de sanduíches realizado no Castelo, onde o vencedor é o personagem Nino com seu pão com manteiga. Após a exibição deste programa foram levantadas questões para discussão sobre alimentação saudável. Houve a identificação dos alimentos presentes nos episódios pelas crianças, os que são ou não saudáveis e porquê, dos quadros pedagógicos que mais gostaram, dos personagens que gostariam de ser, entre outras.

Na quinta – feira da mesma semana foi o feriado do dia 12 de outubro de 2006, sendo assim marcada a última exibição para o dia 17 de outubro de 2006, na próxima terça-feira que seguira. Neste dia estavam presentes mais uma vez todos os 15 alunos da turma. Foi exibido o episódio “Ciúmes eu?”, que traz como temática o ciúme entre amigos, onde Nino, Pedro e Zeca sentem ciúme de Biba, que é convidada para aparecer no jornal da personagem Penélope, sendo ignorada por eles no Castelo (Ver descrição de personagens e cenário em Apêndice A). O episódio apesar de não obter como enfoque a higiene, possui quadros pedagógicos sobre este tema, por isso foi incluído na amostra. Estão presentes quadros como o famoso Ratinho tomando banho e o Lavar as mãos.

Para esta exibição a interferência da pesquisadora diante da intencionalidade da discussão se fez essencial, já que a história central não enfatizava diretamente o tema sobre higiene. O que é higiene, ações que levam a higiene, sua importância, à curiosidade em saber porque os alunos gostavam tanto do quadro do Ratinho foram pertinentes nos diálogos

estabelecidos com as crianças, assim como saber o quanto ficavam diariamente expostos a televisão, a presença ou não dos pais neste processo e os seus programas favoritos.

A análise dos dados ocorreu a partir da observação diagnóstica, por meio de desenhos, analisando os conhecimentos prévios das crianças sobre as temáticas abordadas, como também da observação da estrutura narrativa da série e a utilização de quadros pedagógicos para aprendizagem infantil. Ocorreu a observação durante a exibição dos episódios do uso do imaginário na relação das crianças e a TV e as potencialidades do uso da TV na escola. Para análise foi essencial também o embasamento teórico com referências de diferentes autores especializados quanto ao problema em questão.

CAPÍTULO IV ANÁLISES DOS DADOS

Os dados coletados durante o percurso metodológico do estudo de recepção permitiu a análise de como conteúdos televisivos elaborados a partir do programa Castelo Rá-Tim-Bum contribuem para aprendizagem infantil, em uma turma de alfabetização da Escola Luz Infância. Os resultados obtidos pela análise de caráter qualitativo possibilitaram a reflexão de como se dá o processo de aprendizagem e interação destas crianças com a TV, considerando o contexto cultural em que estão inseridas e seus conhecimentos prévios diante das temáticas curriculares abordadas. Um estudo singular que possibilitou verificar como se constrói por meio da linguagem televisiva conteúdos para as crianças; como se dá a relação do imaginário no processo da aprendizagem dos alunos, apontando a lógica cultural que lhes são próprias, trazendo para o espaço da escola a reflexão sobre o uso que tem feito da mídia televisiva.

4.1 O que diz o meu desenho...

A observação diagnóstica dos conhecimentos prévios já existentes pelos alunos da turma de alfabetização, sobre o conteúdo selecionado para o estudo de recepção, foi realizada no

dia 29 de setembro de 2006, em acordo com a professora Patrícia Freitas, que também valoriza o trabalho com desenhos pelas crianças e que alegou inserir sempre que podia atividades artísticas em seu planejamento de aula, principalmente nas aulas de arte, que no segundo semestre de 2006, por falta de professor, eram por ela mesma ministradas.

“Eu acho interessante e necessário para trabalhar com a atenção das crianças. A parte de desenho vai ser muito importante, mesmo por que nós estamos na falta de professor de arte e trabalhar com cores e desenho você pode até estar vendo o que o aluno está passando em determinado momento. O meu grupo, os alunos são muito agitados e o desenho tem a função de acalmar, obter mais atenção da criança. Acho que este tipo de trabalho vai ser um diferencial.”(professora da alfabetização – Patrícia Freitas).

A atividade lúdica de desenho intencionalmente permitiu maior liberdade para que os alunos mostrassem de maneira criativa quais os conhecimentos já possuíam sobre as temáticas abordadas: eleição, alimentação saudável, higiene e reciclagem. “A arte pode proporcionar a oportunidade de desenvolvimento em muitas áreas vitais, [...] investigar, inventar, explorar, cometer erros, sentir medo e aversão, amor e júbilo.”(LONWEFELD, 1977, p.178).

A representação dos desenhos pelos alunos foi observada durante todo o processo, considerando as experiências de cada um, estimulando também a produção coletiva para realização deste trabalho. Os temas foram colocados no quadro para a divisão das equipes em trio. A abordagem superficial dos temas foi realizada por algumas questões:

Alimentação – O que é uma alimentação saudável?

Eleição – O que é eleição? O que é votar? Como acontece?

Higiene – O que devemos fazer para cuidar do nosso corpo?

Reciclagem – O que devemos fazer como o nosso lixo? O que é coleta seletiva?

Duas equipes ficaram com o tema eleição e as demais, cada uma com os outros temas: alimentação saudável, higiene, reciclagem. Durante o processo de representação as duas equipes que ficaram responsáveis pelo desenho das eleições obtiveram dúvidas sobre o que desenhar. Então perguntei: *O que acontece no dia das eleições? O que a gente faz na hora de votar? Lembra o que vocês viram na televisão esses dias? (referindo-me ao horário político).* “Ahhh”, responderam **Ju** e **Ra**, participantes cada uma das duas equipes escolhidas para representar o tema eleições, sinalizando assim que agora podiam visualizar o que deveriam desenhar. Trazer como referência a mensagem televisiva, seu conteúdo imagético naquele momento, diante do contexto proposto, obteve uma resposta de entendimento mais imediata, pois como ressalta Denise Lino de Araújo em seu artigo *TV como instância de letramento*:

[...] não se pode negar que esses veículos, notadamente a televisão, nascidos e estruturados sob o livro, são bons divulgadores da cultura letrada. Dada a sua peculiaridade de apresentá-la cada vez mais visual e sonorizada, bem como a construção de novos gêneros típicos dessa plástica que indissocia imagens e sons. (ARAÚJO, 2002, p. 36)

Os alunos muito agitados começaram em equipe a desenhar, alguns como **Ka** se recusavam a participar, mesmo depois da explicação de que o desenho deveria ser de acordo com o tema escolhido para cada equipe, ele só queria desenhar carros.

Apontando para as perguntas escritas no quadro fui isoladamente em cada equipe para que descrevessem o significado dos seus desenhos, para verificar como estavam representando os conteúdos pré- selecionados. Segundo Lowenfeld (1976), para que a criança se expresse verbalmente de maneira espontânea sobre o desenho, precisamos fazê-las perguntas

claras, como “O que significa isso?”, apontando partes definidas da pintura, para nos referirmos de forma segura às coisas que aparecem nos desenhos e assim identificá-las.

Equipe 1 sobre eleições

Para a explicação do desenho a aluna **Ra** foi tomando para ela a responsabilidade de dizer o que haviam desenhado, advertindo a não participação do colega **Ka** na elaboração do desenho.

Ra: *Aqui são as pessoas indo votar andando. Os políticos estão indo de carro também votar e o presidente tá indo de avião.*

Pesquisadora: *As pessoas estão indo a pé?*

Ra: *Só os políticos estão indo de carro pró.*

Pesquisadora: *Por quê?*

Ra: *Ah! As pessoas vão andando...*

Jo confirmava tudo que **Ra** falava.

Jo: *Foi eu que desenhei os carros pró.*

Ra: *E eu as pessoas, o avião do presidente...*

Perguntei o que era aquilo desenhado de verde no meio do desenho.

Ra: *É lugar onde a gente vota pró.*

Pesquisadora: *Você sabe o nome?*

Ra: *Humm... esqueci.*

Pesquisadora: *Urna eletrônica!*

Ra: *É isso mesmo!*

Ka deitado sobre a carteira não olhava se quer para o desenho. E Rafaela preocupada o chamava.

Ra: *Ele não quer fazer pró. Nem escrever o nome dele.*

Ra pegou o desenho e leu a frase que havia escrito dizendo que o voto político é uma coisa muito importante para nós. Para que as pessoas escolham seu governante.



Equipe1: eleições - Fig. 1

Equipe 2 sobre eleições

A mesma situação do momento do voto parece ter sido representada pela segunda equipe que ficou também com o tema eleições. **Ju** e sua equipe inicialmente, mais do que a outra equipe com o mesmo tema, demoraram a começar a desenhar. Novamente disse a frase para eles: *Lembra o que vocês viram esses dias na televisão?* (referindo-me ao horário político). Só então começaram a desenhar. A imagem usada para indicar, significar, simbolizar uma realidade, como é definida por Mello (2003), parece produzir relações por análises comparativas às experiências prévias já existentes das crianças.

Desta vez era **Ju** que falava enquanto **Dé** e **Ga** concordava com a explicação da colega.

Ju: *Aqui pró as pessoas estão indo para eleição. Umas de carro outras estão indo andando.*

Pesquisadora: *Estão indo fazer o quê?*

Ju: *Votar né pró!*

Pesquisadora: *E o que é isto?* (apontei para o objeto que parecia com uma urna eletrônica)

Ju: *É o voteiro.*

Ga: *Oxi...não é voteiro não Juliana, o nome.*

Pesquisadora: *E você sabe o nome Ga?*

Ga: *Ah! Não sei.*

Pesquisadora: *E você Dé?*

Dé balançava a cabeça dizendo não.

Pesquisadora: *É urna eletrônica.*



Equipe 2 : eleições – Fig. 2

À proporção que as crianças crescem, modificam-se as suas relações com o ambiente. Quanto mais sensível e alerta se tornam, maior será o número de coisas que adquirem importância para elas. Nos desenhos das duas equipes sobre eleições isto pôde ser observado,

pois suas representações mesmo sem que elas dessem conta trazem a concepção, por exemplo, das diferenças sociais, representadas pelo modo diferenciado em que muitas pessoas se locomovem para o momento da votação. Nos desenhos os políticos, os candidatos são sempre pessoas ricas, diferente das outras pessoas que vão a pé votar. Diante do mundo de referências culturais, seja a família, os colegas, o bairro onde mora, a escola, a televisão, há um desenvolvimento constante de suas representações com o aprendizado, pois como afirma Vygotsky “O aprendizado é mais do que a aquisição de capacidade para pensar; é a aquisição de muitas capacidades especializadas para pensar sobre várias coisas.”(1994, p.108) .

Equipe sobre alimentação

Apontando para o quadro da sala de aula, trouxe para a equipe de alimentação a questão: O que é uma alimentação saudável? Observei que quando se fala em alimentação saudável eles (os alunos) remetem-se logo as frutas, talvez porque seja a maior referência de uma alimentação saudável que tenham dentro e fora do espaço escolar. A escola, todos os anos letivo, por exemplo, faz sempre lanches coletivos com frutas para trabalhar este tema.

Pesquisadora: *O que podemos comer que nos faz bem?*

Todos os três: *Frutas!*

Pesquisadora: *E o que podemos comer de saudável na hora do almoço?*

Pa: *Arroz, feijão, carne...*

Pesquisadora: *E o que temos no desenho?*

Ah: *São frutas pró. Limão, maçã, olha a minha laranja como tá.*

Neste momento **El** demonstrou logo a sua indignação com a fruta desenhada pelo colega **Ah**. **El:** *Oh pra aí pró! Ele tá desenhando tudo errado. A senhora já viu laranja dessa cor e com perna e braço?*

Ah: *Não tá nada errado!*

A aluna **EI** depois de desenhar uma uva, inconformada, já não queria desenhar mais nada. **EI**: *Ah! Desse jeito eu não quero desenhar mais não, com Ah não, não.*

Tentei intervir para que ela continuasse a desenhar junto com os meninos **Pa** e **Ah** dizendo que o desenho era livre e cada um desenhava como quizesse, mas nada adiantou, ela não aceitava a tal laranja de cor diferente (desenhada de vermelho) com pernas e braços (**Fig.3**). Para Lowenfeld (1976), a criança nesta faixa etária já não se satisfaz com a relação entre seu pensamento imagístico e o que desenha, tenta assim estabelecer uma relação mais “verdadeira” com o real, por isso é possível entender o porquê da indignação da aluna **EI**, que não aceitou como real o desenho do colega. **Pa** continuava a desenhar quieto várias frutinhas e fez uma grande árvore para todas elas.

As outras equipes trabalhavam sem muito conflito, pediam lápis colorido e ficavam me perguntando o tempo todo se estava ficando bonito o desenho. A aprovação de um adulto, principalmente quando se trata também de uma professora da turma, parecia impulsionar a continuidade do trabalho de desenho pelos alunos.



Equipe 3: alimentação – Fig. 3

Equipe sobre higiene

Para equipe responsável pelo desenho sobre higiene. A partir da pergunta do quadro “O que devemos fazer para cuidar do nosso corpo?”, **Va** antes mesmo de desenhar foi logo dizendo:

- Tomar um banhozinho para ficar limpinha, escovar os dentes...

Na equipe resolveram definir o que cada um iria desenhar.

Vi: *Eu vou desenhar tomando banho.*

Ad: *Eu vou desenhar o lugar de fazer xixi...*

Va: *Ah! Então eu vou desenhar uma menina escovando o dente.*

Já na finalização do desenho pela equipe veio a explicação do que haviam representado, cada um apontando para o que fez.

Vi: *Aqui é um menino tomando banho.*

Ad: *Aqui é vaso para menina fazer xixi e o papel higiênico. Depois ela vai e lava as mãos. (refere-se à menina loira de vestido vermelho).*

Va: *Olha pró! Eu fiz uma menininha aqui na pia escovando o dente.*



Equipe 4: higiene – Fig. 4

As noções de higiene são constantemente trabalhadas na educação infantil e na alfabetização, mesmo agora denominada de 1º ano do ensino fundamental este tema ainda também é abordado. Os alunos demonstraram objetividade e conseguiram dar exemplos concretos de ações que levam ao cuidado com o corpo.

Equipe sobre reciclagem

Ao trazer como temática a reciclagem os meninos abordaram essencialmente a questão da coleta do lixo que pode ser evidenciada na fala dos próprios alunos ao explicar os seus desenhos.

Yu: *Antes os lixos estavam todos jogados aqui na rua (episódio que não aparece no desenho). Aí as pessoas começaram a entender que não devemos jogar lixo na rua e começaram a jogar lixo no lixo.*

Ri: *Eu desenhei os lixos de cima.*

Yu: *E eu desenhei os lixos de baixo que são iguais, mas agora estão mais cheios.*

Pesquisadora: *E esse “Não!” ?*

Yu: *É para não jogarem mais lixo no chão pró.*

Na: *Eu desenhei aqui um carro pró, ó meu carro pró.*

Na queria mostrar a sua participação no desenho embora parecesse muito distraído com relação ao significado do desenho da equipe para o tema proposto.

Pesquisadora: *Isso já é a reciclagem?*

Yu sabiamente logo me respondeu.

Yu: *É que depois o lixo é escolhido e o que presta vira outras coisas.*



Equipe 5: reciclagem – Fig.5

A explicação da equipe sobre o que representava o desenho ocorreu como em uma espécie de narrativa, na qual nem todos os elementos descritos estavam presentes na cena desenhada, como por exemplo, os lixos jogados na rua. Os elementos presentes no desenho, no entanto, atribuíam significado a toda uma seqüência lógica narrativa realizada pelas crianças em conjunto, demonstrando o aprendizado da temática abordada. “[...] o aprendizado desperta vários processos internos de desenvolvimento, que são capazes de operar somente quando a criança interage com pessoas em seu ambiente e quando em cooperação com seus companheiros.”(VIGOTSKY, 1994, p. 117).

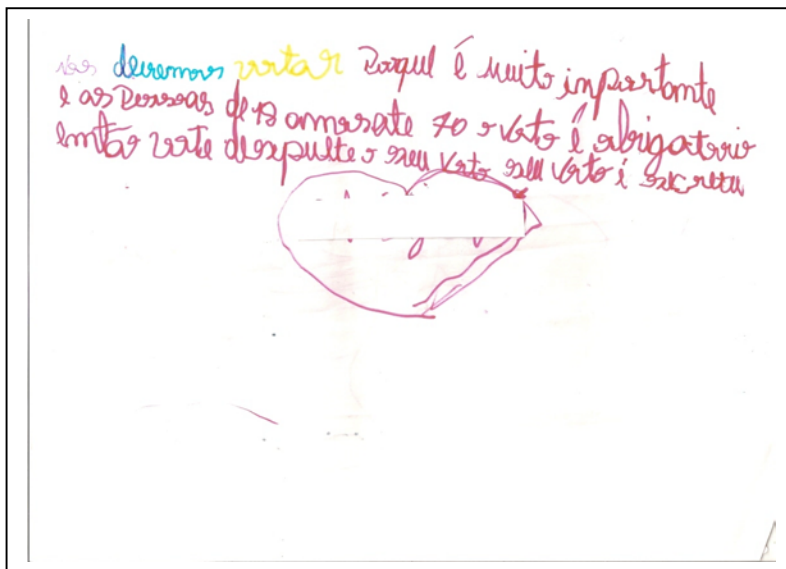
Desenho Extra

Ao final da produção dos desenhos por todos da turma, a aluna **Ra** trouxe mais um desenho, na verdade, um texto sobre o tema que tinha ficado sobre responsabilidade da sua equipe; eleição.

Ra: *Eu e Jo fizemos uma coisa para a senhora.*

O texto dizia o seguinte:

“Nós devemos votar porque é muito importante e as pessoas de 18 anos até 70 o voto é obrigatório, então vote, dispute o seu voto, seu voto é secreto.”



Desenho Extra – Fig.6

Ao término do processo da observação diagnóstica a pesquisadora pôde perceber que os alunos da turma de alfabetização já possuíam conhecimentos prévios já estruturados sobre as temáticas abordadas, o que facilitaria a participação do grupo nas discussões ocorridas durante o processo do estudo de recepção.

Depois de concluída a atividade houve a explicação de que os assuntos abordados para a elaboração dos desenhos seriam também exibidos em alguns episódios do *Castelo Rá-Tim-Bum*.

Toda a turma eufórica gritou: *Eba!*

Pa: *Eu adoro o Castelo Rá-Tim-Bum!*

Um por um foram gritando: *Eu também! Eu também!*

Comecei a perguntar a cada um se sabia algum nome de personagem que tinha no Castelo. A maioria parecia conhecer os personagens e já ter realmente assistido algum episódio da série. Os outros que não conheciam e não queriam parecer de fora, diziam que haviam esquecido, mas que também gostavam. E a promessa se estabeleceu do próximo encontro ser na sala de som e vídeo para exibição de um dos episódios da série.

4.2 O Castelo e sua estrutura narrativa

A estrutura de uma ficção seriada é sempre a mesma, o que a torna mais familiar ao telespectador. Cada episódio pode conter narrativas diferentes independentes da anterior, permitindo o desenvolvimento de várias histórias a partir de contexto cultural específico. A permanência de uma mesma estrutura cenográfica, dos mesmos personagens, permite a formulação de um gênero próprio que a identifica e é fruto de experimentações estéticas e de representações imagéticas que deram certo.

A série Castelo Rá-Tim-Bum existe num mundo mágico paralelo ao mundo real, do cotidiano da escola. Seu cenário, ao contrário dos que são descritos e compostos para a maioria dos contos de fadas, não está situado em terras distantes, no alto de uma montanha, em grandes campos medievais, mas sim, inserido na realidade contemporânea das grandes cidades. No meio da paisagem urbana é que se constitui o cenário externo do Castelo.

Na abertura da série, uma árvore ao se desenvolver, magicamente vai construindo os pilares, paredes, torres, dando forma ao Castelo sob o ritmo do tema de abertura que se constitui por sons onomatopéicos. No final da composição gráfica de toda estrutura do Castelo, uma

espécie de “ratomóvel” mecânico finca no alto da torre a bandeira do CASTELO RÁ-TIM-BUM e a música de abertura finaliza com a frase melódica que é marca do programa: BUM, BUM, BUM! CASTELO RÁ-TIM-BUM! BUM, BUM, BUM! CASTELO RÁ-TIM-BUM!...(Música de André Abujamra, Hélio Ziskind e Luis Macedo).

O mundo fantástico do Castelo é parte “do nosso mundo real”. A imagem de um castelo no meio de uma localidade, onde próximo estar uma escola aparece logo no primeiro episódio da série “Tchau, não, até amanhã!”⁵. O primeiro episódio da série não foi selecionado para exibição no estudo de recepção, mas já foi assistido e analisado previamente pela pesquisadora e serviu de base para análise dos episódios da série selecionados para presente pesquisa.

Nos episódios selecionados todas as narrativas obtêm como elemento central os ambientes internos do Castelo. Cenas externas podem ser observadas somente no primeiro episódio, onde mostra em uma rua não-cenográfica a aproximação do personagem Nino de três crianças: Pedro, Zeca e Biba, que serão sua companhia em todas as aventuras do Castelo. (Ver Apêndice A).

Na saída da escola os personagens Pedro, Biba e Zequinha são surpreendidos por uma força mágica que faz a bola do pequeno Zequinha voar e quicar na direção do Castelo. O solitário Nino inspirado pelas invenções de seu tio, Dr. Vitor, experimenta enfeitiçar a bola colorida do Zeca e consegue fazer com que as crianças cheguem ao Castelo. Após o primeiro episódio, Nino vai receber a visita dos três no Castelo a cada programa.

Nos quatro episódios exibidos e analisados verifica-se que a narrativa central composta por personagens principais elabora fios para a sustentabilidade de quadros

⁵ Os títulos dos episódios analisados foram definidos pela coleção em vídeo da série pela TV Cultura.

pedagógicos, inseridos à medida que o tema do episódio é desenvolvido. Os visitantes auxiliam no avançar das histórias. Os conflitos surgem a partir da verificação de uma falta, o que leva os personagens a se movimentarem para a sua reparação. “As faltas encontradas variam da falta de amigos à de conhecimentos. A necessidade de sua reparação impulsiona o herói a crescer emocional, intelectual e socialmente” (CARNEIRO, 1999, p. 202).

A saída do Dr. Vitor e a chegada das crianças, para se encontrarem com o Nino, inicia a mobilização destes personagens para se envolverem com o tema a partir do momento que introduzem, oferecem e solicitam informações para o desenvolvimento da história. O distanciamento da pessoa adulta liberta os personagens infantis e mágicos para ação reparadora de uma falta constatada pelo personagem central, Nino. O que traz semelhanças à estrutura das narrativas de contos de fadas, onde o desenvolvimento da história ocorre, em sua maioria, de acordo com as ações também dos personagens infantis. Segundo Selma Rodrigues (1988), é transportado do artifício ficcional um sistema animista de crenças para variados objetos, sem que haja questionamentos sobre verossimilhança com o mundo real, pois o leitor também os aceita, por que aceita a ficção e seus pressupostos.

Para Carneiro (1999), o primeiro episódio traz em sua narrativa a premissa dramática que descreve e anuncia que os episódios seguintes irão fornecer elementos para suprir a falta, a carência emocional e social do personagem Nino com o mundo lá fora, por meio de aventuras, descobertas, conhecimentos adquiridos pelo personagem juntos aos seus novos amigos. Na primeira cena abre-se um plano em movimento em direção a torre do Castelo e em seguida um plano que se fecha na chama de uma vela e revela a abertura de uma porta. Entra o Dr. Vitor de 3000 anos nos aposentos da Tia Morgana de quase 6.000 anos e em meio às sombras do ambiente mal iluminado, tendo a presença do livro mágico e da gralha Adelaide, os dois conversam e anunciam a necessidade de ter amigos do sobrinho Nino.

A série inicia como o comentário do tio Dr.Vitor como a tia avó de Nino, a feiticeira Morgana, a respeito da tristeza de Nino em não poder freqüentar a escola como as outras crianças, já que possui 300 anos de idade. Mais uma vez se tinha tentado matriculá-lo em uma escola e nada. “*Pobre Nino...*”, seus tios lamentam juntamente com a gralha Adelaide e o livro mágico.

Dr. Vitor : *E então Morgana? Ele está daquele jeito outra vez ?*

Morgana: *Psiu! Está como todo ano, quando começam as aulas.*

Vitor: *OH! Não, não!*

Morgana: *Vitor, Vitor, Vitor, meu querido. Eu estive pensando... por que não tentamos mais uma vezinha só?*

Vitor: *Raios e Trovões! Ah! Nós já tentamos o ano passado, o ano retrasado, o ano re-retrasado, e nada. Faz 150 anos que nós estamos tentando Morgana e não adianta! Nenhuma escola vai aceitar uma criança com 300 anos de idade.*

Morgana: *Pobre Nino. Ele só queria ter alguns amigos.*

Vitor: *Pobre, pobre Nino.*

A gralha Adelaide: *Pobre, pobre Nino.*

Livro mágico: *Pobre Nino.*

O gancho que articula o primeiro momento da narrativa principal ao segundo momento se dá por uma falta constatada por Nino no primeiro instante, o que desafia os personagens para a busca de soluções, promovendo assim uma suspensão para o telespectador ficar na expectativa do que acontecerá após a primeira parte do episódio. Um movimento característico de produções seriadas de ficção, pois afirma Umberto Eco “ (...) em toda obra de ficção o texto emite sinais de suspense, quase como se o discurso se tornasse mais lento ou até

parasse, e como se o [autor] estivesse sugerindo: Agora tente você continuar...” (ECO, 1994, p.56).

Na série, o telespectador infantil tende a acreditar que desfruta da novidade da história enquanto, de fato, distrai-se seguindo um esquema narrativo constante. Fica satisfeito ao encontrar um personagem conhecido com seus tiques e frases feitas. Segundo Eco (1989), a estrutura seriada consola o leitor/espectador porque premia sua capacidade de prever, por que ele se descobre capaz de adivinhar o que acontecerá, saboreando o retorno do esperado. O leitor/telespectador costuma não atribuir este “encontro” a estrutura narrativa e sim a uma astúcia divina.

4.3 Os quadros pedagógicos do Castelo e a aprendizagem infantil

A partir da observação da existência de uma narrativa central na série, onde quadros definidos como pedagógicos são inseridos, foi realizada uma análise destes quadros exibidos nos quatro episódios selecionados para o estudo de recepção. Para análise foram estabelecidas categorias baseadas em conteúdos básicos para o desenvolvimento da aprendizagem infantil: o conhecimento lingüístico, o conhecimento lógico-matemático e conhecimentos sobre a sociedade e a natureza. Existem, entretanto, quadros que pertenceram a mais de uma categoria.

O incentivo para aprendizagem do conhecimento lingüístico pôde ser observado em diferentes quadros pedagógicos inseridos na série que incitam ao exercício de modalidades de linguagem: a linguagem oral, como a narração de histórias que são contadas e dramatizadas pela

Tia Morgana, na verbalização de determinadas palavras no quadro dos personagens Mau e o Godofredo, e em poesias que são recitadas por personagens.

O exercício da expressão sonora também pôde ser observado nas músicas elaboradas para o reconhecimento e reprodução dos sons de instrumentos e animais no quadro dos passarinhos; o exercício da grafia, no incentivo à produção de desenhos em objetos fixos e o exercício da expressão plástica na produção de objetos por modelagem, pelo uso de papel reciclável entre outros no quadro Como se faz. Também existe o estímulo visual para o exercício da expressão corporal por meio de movimentos do corpo pela dança ao som de músicas variadas, e representações através da mímica. Estes conteúdos básicos voltados ao desenvolvimento do conhecimento lingüístico pôde ser observado nos quadros abaixo:

Q.1 - A feiticeira Morgana e a Gralha Adelaide

Q.2 – Os passarinhos

Q.3 – Mau e o Godofredo

Q.4 – Poesia recitada e animada

Q.5 – Como se faz

Q.6 – Pianola

O conhecimento lógico-matemático pôde ser observado a partir de quadros pedagógicos que estimulam o aprendizado de seqüências numéricas, noções de números pela especificação de quantidades, adicionando ou subtraindo elementos, organização de elementos por classe: cor, textura, dimensão, som, e por série. Há também o incentivo à produção de noções espaciais e geométricas pela elaboração de figuras tridimensionais. Conteúdos para o desenvolvimento do conhecimento lógico-matemático puderam ser observados nos seguintes quadros:

Q.7 – As fadas Lara e Lana

Q.8 - Dedolândia

Q.9 – Caixa preta

O conhecimento da sociedade e o conhecimento da natureza são pertinentes na narrativa principal, como também estão inseridos em quadros que levam em consideração a relação da criança com o mundo, mesmo que seja a partir de uma vivência singular dentro de um Castelo. Nino e a criançada se mostram sempre curiosos e investigativos a respeito dos fenômenos naturais e sociais que aparecem como situação nos episódios analisados.

A articulação de quadros referentes a conteúdos das ciências naturais e da sociedade tem, em sua maioria, a presença do personagem especialista, aquele que está sempre disposto a tirar dúvidas, orientar, de forma clara e objetiva, por exemplo, do modo de ser, viver e trabalhar de um grupo, noções de cidadania com temas como a eleição, lugares e suas paisagens e também quadros que pelo estímulo visual, e ou pela musicalidade, incentivam aos cuidados naturais com a saúde do corpo, mostrando cenas que se remetem ao incentivo à higiene pessoal e ambiental. Os estímulos à aprendizagem de conteúdos referentes a conhecimentos da sociedade e da natureza foram observados nos seguintes quadros:

Q.10 - O Ratinho

Q.11 – Fura-bolo: Lavar as mãos

Q.1- A feiticeira Morgana e a Galha Adelaide

Q.7 – As fadas Lara e Lana

Do total de 21 quadros que existem na série, segue então a descrição dos 11 quadros presentes nos quatro episódios exibidos durante o processo de recepção, que foram analisados a partir das categorias estabelecidas:

Quadro1: A feiticeira Morgana e a Gralha Adelaide.

Morgana é uma personagem milenar e esteve presente nos mais importantes acontecimentos históricos. Seus relatos sempre surgem com testemunho pessoal, sempre na 1ª pessoa. Não há distância entre ela e o que narra. A gralha Adelaide, sua fiel companheira, está presente em todas as histórias narradas e explicações dadas por Morgana. Atenta, a gralha pergunta, questiona, repete informações. As expressões gestuais e faciais da feiticeira são o grande recurso para dar vida ao seu relato.

Tia Morgana fala muitas vezes, no uso do olhar para câmera, como se estivesse se dirigindo ao telespectador, contando uma curiosidade, dando conselhos. Por meio da linguagem oral, em suas narrativas esclarece situações históricas, normas e valores sociais existentes. Seu quadro é geralmente introduzido pela hora do relógio "Bruxas, ratazanas e companhia, está na hora da feitiçaria!". Sábia, a localização de seu espaço de atuação, no alto do Castelo, dar-lhe ainda mais um ar de poderosa, a que possui mais conhecimentos. Este quadro dura, em média, de 2 a 3 minutos.

No programa "Eu prometo?!", diante da temática do episódio para realização de uma eleição no Castelo, no propósito de se decidir quem tomaria conta deste, enquanto D.Vitor estava viajando, a explicação de Morgana a respeito da utilidade de se fazer uma eleição é muito interessante. Há o incentivo à autonomia do sujeito, ao conhecimento de direitos e deveres no exercício da cidadania. Inserido o quadro, a feiticeira Morgana, nos seus aposentos,

explica a gralha Adelaide à necessidade de se fazer uma eleição quando existe um número grande de pessoas em uma localidade, com diferentes idéias para tomar decisões.

Adelaide: O que é uma eleição?

Morgana: Uma eleição é o que você faz quando precisa escolher um governante ou decidir uma coisa importante para todo o mundo. Aí você faz uma votação.

Adelaide: O que é votar?

Morgana: Votar é quando você marca a sua escolha num papel. Aí esses votos são todos contados e ganha a pessoa ou a idéia mais votada...

Quadro 2. Os passarinhos.

O quadro dos passarinhos é composto por três atores. Duas cantoras -bailarinas e um instrumentista. A função deste quadro é mostrar o som de diferentes instrumentos musicais: violão, guitarra, piano, flauta. Proporciona o exercício da expressão sonora e corporal na reprodução de ritmos, melodias e sons específicos dos instrumentos, como também movimentos por gestos coreografados. A melodia é sempre a mesma, o que muda é o instrumento. Este quadro é inserido pela movimentação da câmera ao ninho, muitas vezes solicitado por algum personagem que quer ouvir o som dos passarinhos a cantar. No episódio “Eu prometo?!” o instrumento tocado foi o violão. Duração deste quadro é em torno de 1 min. Música de Fernando Ziskind.

Passarinho que som é esse?

Passarinho, dam, dam, dam ,dam ,dam,dam,dam.

Passarinho, que som, que som é esse?

Quem sabe o nome dele?

Esse som é o som do violão, é o som do violão.

Do violão é assim!

Quadro 3. O Mau e o Godofredo

O quadro dos personagens Mau e o Godofredo inicia pela chegada inesperada e assustadora de Mau, onde Godofredo reside nos encanamentos do Castelo. É inserido pelo ruído do Mau nos encanamentos do Castelo. O Mau sempre incita o telespectador a participar deste quadro para decifrar enigmas. O Telespectador é interlocutor deste quadro. Há também a exposição de crianças, enquadradas em uma espécie de cano externo, que respondem aos enigmas propostos pelo Mau. O Godofredo o tempo todo tenta responder aos enigmas (auxilia o telespectador a responder). O Mau descobre as tentativas de Godofredo para burlar seus enigmas e o pune com a sua “gargalhada fatal!”. Duração em média de 2 min. No uso da linguagem do teatro de bonecos são elaborados enigmas como desafios, no estímulo ao telespectador ao uso e o conhecimento da língua portuguesa, por meio de trava-línguas, palavras que rimam, adivinhação do antônimo das palavras.

Quadro 4. Poesia recitada e animada

Na biblioteca há um grande livro de poesias a vista de todos que chegam lá. Quando há a leitura de uma poesia, a ilustração nela contida ganha movimento. Os desenhos das poesias são animados graficamente. Há neste quadro o incentivo ao conhecimento lingüístico de uma modalidade diferenciada de expressão oral e gráfica no desenho de pessoas, objetos, situações. Uma voz em off de personagens que visitam a biblioteca ou mesmo o Gato Pintado lêem os versos. Primeiramente sempre é dito o nome da poesia e o autor. No episódio “Tudo se

transforma” a poesia recitada foi “As árvores” , de Arnaldo Antunes. Duração do quadro é de aproximadamente 40s.

As árvores são fáceis de achar, ficam plantadas no chão.

Mamam do sol pelas folhas e pela terra bebem água.

Cantam no vento e recebem a chuva de galhos abertos.

As árvores ficam paradas, uma a uma, enfileiradas na alameda.

Crescem para cima como as pessoas, mas nunca se deitam, o céu aceitam.

Crescem como as pessoas, mas não são soltas nos passos.

São maiores, mas ocupam menos espaços.

Quadro 5. Como se faz

O quadro é originário do programa Rá-Tim-Bum. Documenta em ritmo de clipe as etapas de produção de algum produto, estimulando a expressão plástica da exploração de diferentes materiais em função da criatividade. No programa “Tudo se transforma” o barato é mostrar a produção reciclável do papel. Duração do quadro em torno de 1min. Música de Wandi Doratiotto.

Você sabe o que é papel reciclável?

E um papel que a gente encontra já usado.

Eu vou mostrar para moçada um jeito gostoso

de pegar uma papel velho e fazer um novo!

Ele é pintado no liquidificador e a gororoba

é tingida no calor.

Mexe, que mexe com a tinta que dar cor.

Tá quase pronto é só tirar desse calor!

Você vai ver, o papelzinho reciclável aparecer!

Então você vai ver, o papelzinho reciclável aparecer!

E pega a tela e ponhe lá dentro da mistura

e a massa fina fica presa na textura.

Você vai ver, fazendo tudo com carinho vai aparecer.

Então você vai ver, o papelzinho reciclável aparecer!

Depois de seco já retira ele da tela.

Papel tá pronto dá pra ver lá da janela.

Você vai ver, fazendo tudo com carinho vai acontecer!

Então você vai ver, fazendo tudo com carinho vai acontecer!

Ê coisa bonita que se faz com papel reciclável, heim?

Quadro 6. Pianola

Neste quadro, uma tela se divide em três linhas horizontais como pautas, onde ao fundo existe o desenho de notas musicais. Nestas linhas, bailarinos dançam em sincronia representando ritmos e melodias. Este quadro propicia estímulos ao desenvolvimento da capacidade expressiva das crianças por meio do movimento corporal. Para inserção deste quadro algum personagem tem que mover um pedal de engrenagem para esta máquina que parece ser uma invenção do Dr. Vitor. Duração 1 min.

Quadro 7. As fadas Lara e Lana.

As fadas Lara e Lana estão sempre desafiando o conhecimento uma da outra. Ao tentarem responder as perguntas elaboradas uma para a outra precisam de tempo para responder (um tempo solícito a respostas pelo telespectador). A função do quadro é solicitar brincadeiras

que levam ao questionamento, ao exercício da percepção, por meio de enigmas, jogos da memória, seqüências numéricas que contribuem para raciocínio lógico-matemático de quem assiste, utilizando para isto diferenciados objetos que aparecem e desaparecem pela varinha de condão. Indicam também valores de comportamento e o cuidado com o meio ambiente. O movimento da câmera ao lustre e uma voz em off direciona a inserção do quadro: “Enquanto isto no lustre do Castelo...”. No episódio “Tudo se transforma” que traz em sua temática a ação educativa de orientação sobre onde se deve jogar o lixo, o lustre do Castelo está cheio de lixo e as fadas, brincando, indiretamente nas dúvidas que surgem entre elas, ensinam ao telespectador a separar o lixo plástico do que for papel, no final acham a varinha de condão e limpam tudo em um passe de mágica. Apresenta cenas que estimulam o raciocínio matemático pela organização dos elementos por classe, orienta com valores sociais e naturais para a questão da higiene e preservação ambiental. Duração, em média, do quadro é de 2 min.

Quadro 8. O mundo dos dedos (dedolândia).

O mundo dos dedos (dedolândia) tem como cenário um palco em miniatura, onde as cortinas abrem e fecham o espetáculo. No palco há microfones, holofotes, instrumentos musicais para a apresentação da banda de rock formadas pelos dez dedos da mão. A função deste quadro é oferecer ao telespectador noções matemáticas, referentes ao raciocínio-lógico, a formação de conjunto, a seqüências numéricas, na contagem dos dedos e noções de números a partir da soma, subtração, por meio de pequenas narrativas musicais alegres.

Quadro 9. Caixa preta mágica

Este quadro é composto por uma caixa de surpresas, onde dela surgem os mais diversos tipos de figuras geométricas que se modificam. Traz noções geométricas aos telespectadores por meio de projeções tridimensionais. Um círculo vira uma esfera, um quadrado vira um cubo. O quadro é inserido a partir da curiosidade de algum personagem em ver o que há na caixa. No episódio “Não engorda e faz crescer” a personagem Biba abre a caixa e um círculo com um cone se transformou em um sorvete colorido que foi saboreado por ela. Duração de 20s.

Quadro 10. O Ratinho

O Ratinho é feito de massinha azul e animado por computação gráfica. Seu quadro, no formato de vídeo-clip, sempre é inserido a partir de suas aparições inesperadas no Castelo, utilizando o “ratomóvel”. O quadro incita a expressão plástica de uma massa de modelar em movimento, como também traz noções para o cuidado com o corpo e com o meio em que vive através de um ratinho que adora limpeza. Este protagoniza três temáticas referentes a noções de higiene. Tomar banho, cuidar dos dentes e do lixo. O quadro dura, em média, 1min30s. Repete-se em diferentes episódios. No programa da série “Ciúmes eu?!”, onde foram selecionados os quadros sobre higiene, o Ratinho já toma banho como ninguém. Música de Hélio Ziskind.

Tchau, preguiça.

Tchau, sujeira.

Adeus, cheirinho de suor.

Lava, lava, lava,

Lava uma orelha, uma orelha,

Outra orelha, lava, lava, lava,

Lava a testa, a bochecha, mão, queixo,

*Lava a coxa, lava até meu pé, o meu
 Querido pé que me agüenta o dia inteiro
 E meu pescoço, meu tórax e o meu bumbum
 E também o fazedor de xixi, lá, lá.
 Ainda não acabou, não.
 Dá uma cocadinha aqui, uma cocadinha ali.
 Faz uma volta e põe a roupa. Ah! Ah! Ah!
 Banho é bom, banho é bom.
 Muito bom! Agora acabou.*

Quadro 11. Fura-bolo: Lavar as mãos

O Fura-bolo, um fantoche de dedo, é o responsável por este quadro. Apresentador de shows, costuma usar um palitó azul, gravata e chapéu azul. Seu lugar preferido é a cozinha, sempre na hora das refeições solicita aos personagens presentes lavar as mãos. Lavar as mãos se constitui em quadro em forma de clipe, onde não oferece somente noções de higiene e sim uma pura sedução do lavar as mãos. Sobre o ritmo de uma música de Arnaldo Antunes, é mostrada uma sucessão de imagens rápidas de crianças lavando as mãos, nas mais diversas situações cotidianas, incentivando o cuidado com a saúde do corpo. Mãos de criança comendo bolo, com a mão na areia e o prazer de lavar as mãos. Duração do quadro em torno de 57s.

*Uma mão, lava a outra. Lava uma.
 Lava outra. Lava uma...mão. Lava
 outra. Lava uma... mão. Lava outra.
 Lava uma. Depois de brincar no*

chão de areia, a tarde inteira. Antes de comer, beber, lamber, pegar na mamadeira. Lava outra. Lava uma...mão. Lava outra. Segunda, terça, quarta, quinta e sexta-feira na beira da pia, tanque, bica, bacia, banheira. Lava uma mão, mão, mão lava outra, lava uma mão, mão.

4.4 As crianças e a companhia da TV

A turma de alfabetização da Escola Luz Infância escolhida para o estudo de recepção era composta por crianças na faixa etária de 5 a 6 anos de idade, consideradas de classe média e média alta, residentes em sua maioria das casas e condomínios de villages de Stella Mares, no mesmo bairro onde também está situada a escola. Durante a pesquisa de campo pôde ser observado o quanto eram crianças ativas e dinâmicas fazendo sempre questão de saber nossa opinião sobre qualquer atividade desenvolvida por elas, como ocorreu na atividade de desenhos. Para a professora da turma tratava-se, no entanto, de crianças um pouco sem autonomia, mas muito criativas. *“Eles são alunos dependentes de mim, um pouco sem autonomia, não é assim totalmente, mas acho que eles deveriam ser mais autônomos, por exemplo, na hora mesmo da arrumação da mochila, dos materiais, eles são muito dependentes, você tem que ficar sempre*

chamando atenção: - E aí não vai arrumar não? Eles são dinâmicos também, criativos, gostam muito da parte de desenho, de criar.” (professora Patrícia Freitas).

A professora regente da turma alegava, entretanto, que esta falta de autonomia dos alunos se dava muitas vezes pela ausência do acompanhamento familiar no desenvolvimento das crianças dentro e fora da escola, o que dificultava muitas vezes a realização do seu trabalho como professora, chegando até mesmo a distorcer o seu papel enquanto educadora.

“[...] Eu tenho trabalhado isso com eles, mas falta algo a mais, até com relação à família. Na verdade eles são “ deixados ” nas escolas. Hoje em dia os pais não podem mais ficar tomando conta da criança e fica tudo com a escola. A gente que acaba dando educação, fazendo certas coisas que não cabe a nós, nosso papel não é esse.” (professora Patrícia Freitas).

Segundo a professora Patrícia, a maioria vivia cotidianamente sobre a ausência dos pais. Durante entrevista a professora cita apenas dois alunos do total de 15 que tem certeza do acompanhamento contínuo do processo de aprendizagem das crianças pelos pais. *“Geralmente quem assina o diário é a professora de banca ou a mãe à noite, mas as tarefas são feitas com as empregadas, supervisionadas pelos pais, mas feitas, a grande maioria, pelas crianças, junto com elas [...] Os pais trabalham, deixam elas com as empregadas e acabam meio que estas também assumindo o papel de mãe e pai.”(professora Patrícia Freitas).*

Diante da ausência dos pais, que se caracteriza muito pela modificação do perfil familiar na sociedade contemporânea, onde pais e mães direcionados ao mercado de trabalho passam a maior parte do tempo fora de casa, podemos pensar o que e quem, no horário oposto a atividade escolar, fazem companhia a estas crianças. Sabendo do acesso de todos aos recursos midiáticos dentro e fora do espaço da escola e considerando o contexto social em que estão inseridos, a TV pode ser observada como companheira relevante tanto no caráter de entretenimento como de informação.

Inegavelmente, a TV participa da construção de uma visão de mundo da criança, mas tal construção (desconstrução e recriação) não pode ser aprendida como dissociada do meio social em que se situa a criança. O telespectador infantil está mergulhado em sua ambiência, e o seu vivido na família, na escola, no bairro e o que ele compartilha com os colegas é determinante na sua visão de mundo. (REZENDE, 2004, p.81).

A companhia freqüente da mídia televisiva na vida das crianças parece se configurar em duas situações distintas, mas conexas: a inevitável exposição diária infantil a TV, diante de um isolamento social, que faz aos adultos culpá-la (a TV) muitas vezes por este isolamento e a falta de controle sobre o acesso ao meio, que leva os adultos muitas vezes a uma discussão mais sobre o poder ideológico do que o próprio contexto em que está sendo utilizado o meio de comunicação. Para Barbero (2001), os adultos estão dando mais importância aos conteúdos do que à estrutura das situações, sem compreender assim o verdadeiro papel que a televisão está tendo na reconfiguração do lar, atribuindo a televisão a incomunicação que padece a instituição familiar.

Nas discussões elaboradas após a exibição do episódio do Castelo “Ciúmes eu?” foi trazida como questão o tempo diário que as crianças assistiam os programas da TV e foi verificado o livre acesso a gêneros diferenciados da programas, como desenhos animados, jornal, novela, filmes, até mesmo em horários de programação direcionados aos adultos. A maioria das crianças assiste televisão tanto à tarde, como a noite, em diferentes horários. Questionando a quantidade de programas citados por Yu que assiste a maior parte do tempo TV a cabo, o aluno revelou, assim como outros, que passa mais de seis horas diárias assistindo TV:

Yu: *Sabe até que horas? Onze horas. Eu durmo na hora que minha mãe diz que é dez para meia noite.*

Pesquisadora: *Quem assiste programas de televisão por várias horas?*

Ra: *Eu assisto até meia noite.*

Jo: *Eu não assisto toda hora porque eu brinco no computador até tarde.*

Ad: *Outro dia eu assisti televisão até três horas da manhã.*

A preocupação dos conteúdos exibidos pela TV diante da visão maniqueísta, manipuladora, que ainda permanece nas instituições familiares sobre o meio, parece ser contraditória nos contextos familiares destas crianças à medida que é dada a TV a missão de um bom requisito para alcançar o sossego dos filhos ou até mesmo para a satisfazer os caprichos deles.

No contexto em que a mídia televisiva é inserida para estas crianças não pode ser deixado de lado, no entanto, o processo de urbanização, o confinamento cultural delas, que auxilia no aumento do tempo da exposição à TV, pois segundo Pacheco “A sociedade de consumo, ao mesmo tempo em que oferece todo o conforto dentro do lar, retira as pessoas dos contatos interpessoais e impõem as crianças os espaços privados.” (2004, p.31).

4.5 Exibição do Castelo: o imaginário no processo de aprendizagem das crianças

Nos os universos ficcionais percebe-se a existência de uma mensagem e de que uma entidade autoral está por trás deles, como criador e dentro deles oferecendo ao espectador um conjunto de instruções de leitura. A leitura ficcional significa jogar um jogo por meio do qual se

dá sentido a uma infinidade de coisas que aconteceram, estão acontecendo ou vão acontecer no mundo real, fora da TV.

A ficção fascina e proporciona a oportunidade de utilização das faculdades de cada um para perceber o mundo e reconstituir o passado e estreitar o presente por meio da identificação pessoal, do grupo ao qual pertence, do espaço social que o envolve, pois segundo Umberto Eco “a ficção tem a mesma função dos jogos. Brincando as crianças aprendem a viver, porque simulam situações em que poderão se encontrar como adultos” (1994, p.137).

As crianças como espectadoras das narrativas ficcionais, no entanto, separam nitidamente o que é ficção e do que seja realidade. Isto pôde ser observado no comentário de **Yu** durante a exibição do quadro sobre os passarinhos, no episódio “Eu prometo?!”: - *Pró! Você sabia que a mulher pássaro é grande mesmo e botam ela pequena?* Nas discussões sobre os quadros de higiene apresentados após a exibição do episódio “Ciúme eu?!” esta separação se fez nítida no depoimento de todos da sala a respeito do quadro do ratinho, que cantando toma banho. Um ratinho de massa, que as crianças adoraram e pediram para que fosse repetido o quadro mais de uma vez durante a exibição. A repetição, *o de novo*, é sempre algo presente no lúdico das crianças.

Pesquisadora: *Qual foi o tema da dança do ratinho, sobre o que ele estava falando?*

Todos: *Tomar banho!*

Pesquisadora: *Rato toma banho?*

Todos: *Não!*

Pesquisadora: *Mas o ratinho do Castelo toma banho?*

Todos: *Toma!*

Pesquisadora: *O rato da fantasia pode tomar banho?*

Todos: *Pode!*

Pesquisadora: *E o rato real ele toma banho?*

Todos: *Não*

Pesquisadora: *Vocês acham que ele deveria ou não tomar banho?*

Todos: *Deveria!*

Pesquisadora: *Tomar banho é bom ?*

Todos: *É!*

As crianças percebendo a distinção do que é fantasia e realidade também são capazes de perceber alguns elementos característicos de diferentes narrativas, como nos contos de fadas, onde bruxas, fadas, monstros se apresentam. Durante a exibição do episódio “Tudo se transforma” a aluna **EI** se mostrou curiosa para saber onde morava a feiticeira Morgana e obteve uma resposta objetiva de seu colega **Yu**.

EI: *A bruxa mora em cima do castelo é?*

Yu: *É a feiticeira, todo castelo tem uma feiticeira, sabia?*

Ao mergulhar no mundo das fantasias a criança se desenvolve intelectualmente e emocionalmente. No Castelo Rá-Tim-Bum as narrativas parecem convidar as crianças a participar do mundo da imaginação, numa espécie de interação com estes telespectadores que espontaneamente aceitam o convite e participam. Durante a exibição do episódio “Eu prometo?!” a personagem da cobra Celeste encarregada por Dr.Vitor de tomar conta do Castelo, quer dar ordem em todo mundo e Nino já não agüenta mais, nesta cena o personagem se dirige aos telespectadores e pergunta: *Vocês não acham que Celeste está abusando?* Os alunos responderam imediatamente: *Eu acho!*

O direcionamento ao telespectador acontece também em outras cenas dos episódios exibidos, como em “Tudo se transforma” quando o personagem Pedro direcionado a câmera pergunta: *Quem será que está jogando essas coisas pelo chão?* Alguns alunos respondem: *A*

Caipora! Em meio ao desenvolvimento da história as crianças contavam junto com os personagens as cascas de banana que iam aparecendo no castelo. Também pôde ser observado, neste mesmo episódio o convite aceito pelas crianças da turma ao assistir o quadro das fadas. Durante a coleta de lixo feita pelas personagens fadas, ao brincar de adivinhar, uma delas faz pergunta a outra. A fada Lara: *O papel na lata azul ou vermelha?* Os alunos da turma responderam junto com a fada Lana: *Azul!* A resposta imediata se deu diante da explicação anterior de Lara sobre em que latas ficavam o lixo que era papel e o lixo que era plástico.

A identificação e a imitação são freqüentes no processo de aprendizagem infantil. A criança inicia as suas assimilações do mundo ao imitar seus pais, irmãos e aos poucos o seu desenvolvimento cognitivo e motor a potencializa a uma certa seletividade para imitar o que acha interessante e digno de ser representado, pois segundo Ramozzi, nos estudos da psicologia e epistemologia genética :

De acordo com Piaget , não há conhecimento sem conceitos. Significa isso que o conhecimento parte da ação de uma pessoa sobre o meio em que vive, mas não ocorre sem a estruturação do vivido. Coisas e fatos adquirem significação para o ser humano quando inseridos em uma estrutura - é isso que Piaget denomina “ assimilação”. (RAMOZZI, 1988, p.4).

A representação de cenas televisivas, por exemplo, pode ser também uma maneira de significação, de representação social da criança de acordo com suas experiências vividas e modelos pessoais constituídos. Atividades criativas podem ser desencadeadas pelo meio televisivo a partir do instante em que a criança re-presenta um objeto, uma imagem, e as modificam em suas re-presentações carregando-as de sentido. Durante a exibição do quadro Pianola, no episódio “Não Engorda e faz Crescer”, as alunas **Ra** e **El** gostam tanto que começam a dançar, imitando os bailarinos em sua coreografia, o mesmo acontece no quadro do ratinho,

selecionado para a abordagem do tema sobre higiene, no episódio “Ciúmes eu ?!”, quando os alunos **Ah**, **Vi**, **Ra** e **Pa** cantam e dançam tentando imitar o ratinho na banheira.

Nas discussões, perguntando as crianças se caso fizessem parte daquele mundo mágico do Castelo o que gostariam de ser, cada um produzia um sentido próprio para suas representações. O ratinho ganhou em disparada, pois a maioria queria ser este personagem feito de massinha por que ele tinha um carro legal. Outros:

Ra: *Eu queria ser Biba por que ela é organizada.*

Ah: *Eu queria se Nino por que ele é engraçado!*

Ad: *Eu queria ser a fadinha por que ela faz magia.*

El: *A fada . Ela é bonita.*

As crianças durante as exhibições dos episódios costumavam a alternar momentos de atenção e dispersão. Para Gomes (1995), esta espécie de devaneio infantil diante da telinha não denota, no entanto, sua passividade, mas a forma como a criança se afirma enquanto sujeito no processo comunicativo. A atenção assim direcionada aos episódios, misturava-se a brincadeiras, beliscões, tapas e conversas paralelas com os colegas.

O quadro da feiticeira Morgana, apresentado em três dos quatro episódios exibidos, não obteve muita atenção pelas crianças. Em “Tudo se transforma”, a feiticeira explicava a história da batata diante de um prato de batata-fritas que a sua gralha Adelaide comia, mas as crianças, quase em sua maioria, não pareciam prestar atenção. O aluno **Ri** inconformado e percebendo que isto havia se tornado constante chamava assim a atenção dos colegas: *Assiste! Vocês sempre começam a conversar...* Para Gomes (1995), a dispersão das crianças pode aparecer como uma forma especial de reagir à programação que não corresponde às suas necessidades ou por que possui outras opções de lazer. A dispersão é considerada uma atenção flutuante, um modo como as crianças estabelecem interação com a TV.

As crianças possuem uma recepção singular e seletiva sobre o que assistem, costumam a definir de acordo com suas referências de mundo as suas preferências. Na TV, até mesmo com o zapping, suas escolhas podem criar um conjunto próprio de imagens e seqüências de programas. Segundo Barbero (2001), os espectadores televisivos variam muito as formas como selecionam e compõem suas fichas de programação, definindo ritmos pessoais de recepção, estimulados pelo zapping.

Os gostos e preferências, embora apareçam de forma superficial e sem a presença do zapping, puderam ser observados durante a recepção e posteriores discussões dos episódios. O quadro do ratinho sempre que aparecia fazia o maior sucesso e constantemente as crianças pediam que fosse exibido novamente, o ratinho tomando banho ou se transformando em um aspirador, a empolgação, os diálogos entre os alunos eram constantes. Em “Tudo se transforma” o ratinho limpa toda a sua casa se transformando num aspirador e as crianças comentam:

Ah: *Lembra, ele vai se transformar naquilo que limpa...*

Ra: *No aspirador.*

Ah: *Isso!*

Os alunos também faziam comentários sobre o ratomóvel fazendo comparações a partir de conhecimentos prévios.

Ad pergunta para mim: *É um mouse?*

Pa grita no meio da sala: *Sabia que isso é um mouse?*

Todos: *Sabia!*

Escolhas muito pessoais faziam com que algumas cenas e quadros agradassem alguns e outros não, como em “ Não engorda e faz crescer” e “Ciúmes eu ?!”, no quadro Lavar as mãos.

Pesquisadora: *Quais os quadros vocês gostaram de assistir, foi o da pianola, de Lavar as mãos...?*

Yu: *O lava as mãos foi o pior!*

Pesquisadora: *Porque foi o pior?*

Yu: *Porque eu não gosto.. fica lava uma mão, lava outra, lava uma mão, mão...*

Ka cantava sem parar: *Lava uma mão, mão, lava outra...*

Pesquisadora: *Porque você não gosta Yu?*

Pesquisadora: *Você acha que é a mesma coisa toda hora?*

Yu: *Repete toda hora “lava uma mão”, é uma chatice.*

Ra: *Eu gostei de lavar uma mão*

Pesquisadora: *Você gostou?*

Ra: *Parece minha mãe quando era pequena. (uma criança lembrou a ela a imagem de sua mãe quando pequena).*

Pesquisadora: *Ah é! Você viu uma pessoa parecida com a sua mãe?*

Ra: *Igual!*

A simbolização assim possui como suporte o emocional, relações afetivas, o estabelecimento de valores para apreender a atenção de quem a assisti, que produz relações por análises comparativas às suas experiências prévias já existentes.

4.6 Pontencialidades do uso da TV na escola

O Castelo Rá-Tim-Bum consegue inscrever parcelas de aprendizagem conceitual em situações de envolvimento afetivo que têm condições de interagir com a necessidade de “informação sobre o mundo” destes espectadores infantis. O que é divertido também pode

educar, a medida em que pode ser usado na escola o meio televisivo, o vídeo não como meros ilustradores das aulas baseadas em linguagens escritas.

Na Escola Luz Infância, na turma de alfabetização, esta problemática do uso da mídia televisiva parece se repetir, pois os programas assistidos diariamente pelas crianças nunca serviram como metodologia de discussão de diferentes temáticas. Esta falta foi constatada pela própria professora da turma que apenas utilizava a televisão para a exibição de filmes e posteriores discussões de interpretação das histórias narradas, alegando não obter tempo necessário para seleção de programas da TV visando à elaboração de aulas que explorassem essa linguagem diferenciada na abordagem de diferentes temáticas.

“Confesso que é uma falha minha. Eu não tenho esse tempo para estar assistindo a televisão, mesmo esses certos tipos de programa (referindo-se a programas considerados educativos), até me passa certas coisas, por que a gente precisaria desse tempo para ficar pesquisando coisas até boas que eu sei que tem, como na TVE que existem milhões de programas maravilhosos para crianças. Mas quando você trabalha de manhã, possui seu afazeres a tarde e a noite faculdade, então complica um pouco estar trazendo esses seriados, esses conteúdos da televisão para mostrar em sala. O que realmente mais trabalho é com filme. Eles se envolvem muito, fazemos uma sessão com pipoca, refrigerante, um ambiente de cinema.” (professora de alfabetização – Patrícia Freitas).

A sala de aula deve se constituir em um espaço de reflexão e construção de conhecimentos a partir das experiências significativas dos alunos e porque não valorizar o que eles aprendem diante da TV? A utilização da pedagogia do imaginário e da comunicação se faz essencial no processo de aprendizagem, pois a influência da TV no aprendizado das crianças não pode ser deixada de lado, pois há a exposição diária do público infantil a programação televisiva como forma de lazer. “A escola não é mais agência de letramento por excelência e a

televisão comercial, embora seja destinada ao entretenimento e à informação geral, atua também como uma forte agência de letramento.” (ARAÚJO, 2002, p. 44)

A televisão, segundo Baccega (2002), reconstrói os conceitos de tempo e espaço. Tudo o que acontece, e foi escolhido para ser noticiado por ela, apresenta-se como parte de um presente contínuo. Uma continuidade que pôde ser observada na própria fala da professora diante da proposta de trabalharmos o tema eleições, ao lembrar de uma situação que exigiu maiores explicações suas diante dos comentários feito pelas crianças sobre o tema assistido na TV na época das eleições.

“Agora eles trazem isso para sala, então como trazem, nós vamos logicamente fazer com que isso sirva de discussão, agora não como um conteúdo específico, mas para que eles possam entender o que está passando na propaganda política. Eles são críticos, eles já sabem quando por exemplo passa aquela “ Mamãe ” (candidata a deputada na época das eleições de outubro de 2006 que sempre aparecia na TV no horário eleitoral), você já viu? Eles observaram a “Mamãe” – Minha pró como é que pode ?! Ela tem 102 anos!. Apesar deles terem seis, cinco anos, já possuem maturidade entre aspas para fazer esse tipo de observação e isso precisa ser trabalhado em sala.”(professora Patrícia Freitas).

Não fazendo da televisão e até mesmo do vídeo complementos, restringindo à utilização de imagens como mera ilustrações, o professor pode ser o mediador para execução de uma nova forma de alfabetização que se instaura na sociedade contemporânea independente do desejo da escola. Uma alfabetização que nos abre a múltiplas escrituras, não somente a do livro, mas também da linguagem audiovisual. Isto pôde ser constatado diante da proposta da discussão de conteúdos curriculares a partir da exibição de episódios do programa Castelo Rá-Tim-Bum.

As experiências dessa cultura televisiva nas crianças eram expressas de diferentes formas, seja na comparação com algum acontecimento do seu cotidiano, onde, por exemplo, no

processo para elaboração do caderno a partir da reciclagem o quadro Como se faz leva o aluno **Yu** lembrar de algo também produzido por seu pai: - *Meu pai faz folhas, mas é no liquidificador, meu pai sabe fazer.* Como também nas repostas dos alunos sobre a importância de se fazer uma eleição a partir do que viam, liam e ouviam.

Pesquisadora: *Vocês acham que a eleição é uma coisa importante?*

Todos ao mesmo tempo: *Eu acho!*

Ad: *Porque a eleição é pra gente escolher presidente, governador...*

Pesquisadora: *Para poder solucionar os problemas da nossa cidade e fazer coisas boas..*

Pesquisadora: *Quem sabe dar exemplos de coisas boas que um presidente ou um governador pode fazer?*

Ra: *Tratar a água...*

Yu: *Tirar as pessoas da pobreza.*

Dé: *Dar casas para os pobres.*

Ad: *Eu sei o que Heloísa Helena está querendo fazer. Ela está querendo melhorar o mundo, tirar as pessoas para pescar, cuidar da água.*

O papel de mediador para ensinar a ler a mensagem midiática, ultrapassando a ingenuidade que pode vir a ser sustentada por ela é fundamental e se fez presente nos diálogos estabelecido pela pesquisadora com as crianças.

Pesquisadora: *Qual é nome que a gente dá quando separamos o lixo e colocamos em cada latinha?*

Todos: *Reciclagem*

Pesquisadora: *A coleta seletiva para a gente poder fazer a Reciclagem.*

Pesquisadora: *O que foi que mostrou que estava fazendo com o papel jogado no lixo?*

(referindo-me ao quadro Como se faz, que mostrava a fabricação de um caderno)

Ra: *Fazendo novas coisas!*

Pesquisadora: *Gente! É importante fazer a limpeza do lugar que a gente vive?*

Todos: *Éééé...*

Pesquisadora: *É importante a gente cuidar do nosso lixo?*

Todos: *Éééé...*

Pesquisadora: *Para que o nosso mundo não fique sujo...*

Ad: *A gente precisa reciclar!*

Para Baccega (2002), um dos grandes desafios da escola para a compreensão das aprendizagens contemporâneas, é instaurar como fonte educativa que interpele os sujeitos-audiência através dos sentidos e emoções, a TV. O conhecimento adquirido de maneira prazerosa ainda não se encontra suficientemente valorizado no espaço da escola. Trata-se de outra maneira de ver e ler, de sentir e apropriar-se do mundo o qual a escola não pode se omitir.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A ciência da Comunicação volta-se para a Educação na busca de um espaço de relações pessoais no qual possa trabalhar com os aspectos cognitivos, críticos e comportamentais do público. Trazendo como discussão teórica à relação estabelecida entre a criança e a TV no espaço da escola, o estudo de recepção em uma turma de alfabetização, da Escola Luz Infância permitiu a verificação da existência de filtros e mediações no processo de aprendizagem infantil diante da mídia televisiva. Para o presente estudo foi utilizado o já conceituado como clássico educativo o programa *Castelo Rá-Tim-Bum*.

O programa *Castelo Rá-Tim-Bum* como gênero educativo voltado para a massa incorporou elementos de programas, como o *Rá-Tim-Bum*, que deram certo e se inspiraram na série americana *Sesame Street* para se tornarem um sucesso de audiência. A estrutura seriada no qual quadros pedagógicos são inseridos, seguindo a lógica de uma narrativa, fornece bases para a sustentação de programas que querem ser educativos sem se tornarem chatos, monótonos e distantes do desejado mundo de fantasias e brincadeiras do público infantil.

Trazer a magia da leitura dos contos de fadas, de mundos fantásticos a inserção de conhecimentos educativos - que visam valores de socialização, respeito às diferenças e o incentivo a descoberta do novo para a produção do conhecimento - para formação do público infanto-juvenil é uma mistura que parece dar certo e se faz essencial para o reconhecimento da prestação de serviço social que todas as emissoras de televisão devem ter para com o seu público.

O programa *Castelo Rá-Tim-Bum* tenta obter *mass appeal*. Preocupa-se em atrair telespectadores diversificados, não um público cativo e restrito. Tenta afirmar-se como um programa de público, por meio de um elemento dramático, de divertimento, de entretenimento, da ancestral atração humana: a narrativa, o contar de histórias, histórias de fadas, castelos, bruxas. Recorre a tradição mais milenar da espécie. (CARNEIRO, 1999, p. 200)

Os investimentos para produção de programas educativos diferenciados precisam surgir tanto para o sistema público de televisão como para o comercial. A qualificação dos conteúdos emitidos diariamente pela mídia televisiva precisa partir da hibridização de interesses para atender tanto ao mercado, que visa à audiência, como às necessidades educativas dos cidadãos.

A programação televisiva que presta serviço social deve informar, propor reflexões, apoiar a formação de um sujeito autônomo, proporcionando complementação aos ensinamentos da escola. Mas nem por isto deixar de ter como proposta o entretenimento, a diversão, o lazer. A exploração emocional dos símbolos instituídos pela TV, que levam à construção de relações afetivas, o estabelecimento de valores para apreender a atenção de quem a assiste, deve inserir o cognitivo em suas práticas. Um conhecimento construído a partir da evidência de elementos significativos na formação sócio-educativa do telespectador.

A escola precisa, no entanto, aglutinar à sua prática educativa aos conteúdos extra-escolares, provindos dos meios de comunicação e da informação. Os conteúdos midiáticos precisam deixar de estarem ocultos nos currículos propostos e obterem o seu lugar para um trabalho pedagógico de percepção crítica, que deve ser elaborado a partir de um processo interativo, de troca entre o professor e o aluno. Para Barbero (2001), isto não ocorre por que a escola se poupa de precisar questionar a profunda reorganização que vive o mundo das

linguagens e das escritas, com a conseqüente transformação dos modos de ler que hoje circulam e ampliam os modos de alfabetizar.

A verificação das experiências prévias dos alunos, seu acervo de informações e representações possibilitará uma prática pedagógica atualizada, dinâmica e mais concreta, a medida que o educador consiga perceber cada vez mais as potencialidades dos recursos audiovisuais presentes nos meios de comunicação como a TV para o aprendizado do educando.

A escola levando em consideração o aprendizado proporcionado por mídias como a TV, deverá fomentar o preparo cada vez maior de seus profissionais da educação para lidar com esta linguagem fragmentada, de freqüente uso pelos alunos, seja como meio de informação, conhecimento ou entretenimento. A intervenção do professor neste processo se faz essencial para que, sem condenar o prazer do receptor (o aluno) de assistir tais programas de entretenimento, possa dessa experiência perceptiva, dessa motivação emocional, trabalhar conteúdos curriculares e modalidades de expressões lingüísticas de produtos audiovisuais, como o *Castelo Rá-Tim-Bum*.

A realização desta pesquisa monográfica possibilita o estímulo a produção de novos trabalhos acadêmicos pela pesquisadora em questão, na ampliação das abordagens sobre o meio televisivo, visando atingir também um público de perfil diferenciado. Esta pesquisa também abre portas para que novos meios de comunicação e da informação, como o computador, sirvam de problemática para discussões que envolvam a relação do professor e aluno, a partir de abordagens analíticas de interesse da pesquisadora.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ANDRÈ, Marli Eliza Damazo Afonso de. **Etnografia da prática escolar**. Campinas, Sp: Papyrus, 1995.

ARAÚJO, Denise Lino de. TV como instância de letramento. **Revista Comunicação & Educação**, São Paulo, 24, 29 a 45, maio/ago, 2002.

BACCEGA, Maria aparecida. Televisão e educação: a escola e o livro. **Revista Comunicação & Educação**, São Paulo, 24, 4 a 14, maio/ago, 2002.

CARMONA, Beth. *A participação da criança na televisão brasileira*. In: CARLISSON , Ulla, FEILITZEN, Cecília Von (org.). **A criança e a mídia: imagem, educação, participação**. São Paulo: Cortez;Brasília, DF: UNESCO, 2002. p. 331-335.

CARMONA, Beth. Emissão consciente e recepção crítica. In PACHECO, Elza Dias (org.). **Televisão, criança imaginário e educação: Dilemas e diálogos**. 4.ed. Campinas. São Paulo: Papyrus, 2004, p. 65-67.

CARNEIRO, Vânia Lúcia Quintão. **Castelo Rá-Tim-Bum: O educativo como entretenimento**. São Paulo: Annablume,1999.

_____. **A inscrição da intencionalidade educativa em programação infantil Castelo Rá-Tim-Bum, um exemplo.** 1999. Disponível em: <www.eca.usp.br/nucleo/nce/pdf/160pdf> Acesso em 13. abr. 2004.

COSTA, Maria Cristina Castilho. **Educomunicador é preciso. Núcleo de comunicação e Educação da Universidade de São Paulo.** Disponível em: <www.usp.br/nce/aeducomunicacao/saibamais/textos> Acesso em : 01.out.2006.

ECO, Umberto. **Seis passeios pelo bosque da ficção.** Umberto Eco; tradução Hldegard Feist. São Paulo: Companhia das letras, 1994.

ECO, Umberto. **Sobre os espelhos e outros ensaios.** Umberto Eco; tradução beatriz Borges. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1994.

FERNANDES, Adriana hoffmam, OSWALD, Maria Luiza Bastos Magalhães. **O recepção dos desenhos animados da TV e as relações entre a criança e o adulto: desencontros e encontros.** Cad. CEDES, vol.25,n65. Campina. Jan/Apr.2005. Disponível em: [,http://www.scielo.br](http://www.scielo.br)>. Acesso em : 21.mai.2007.

GÓMEZ, Guilherme Orozco. Uma pedagogia para os meios de comunicação: aprender a ensinar para transformar, eis as preocupações de Guilherme Orozco Gómez ao tratar do campo comunicação/educação. Entrevista de FÍGARO, Roseli **Revista Comunicação & Educação**, São Paulo, 12, 77 a 88, maio/ago, 1998.

GOMES, Itania Maria Mota. **Efeito e recepção:** a interpretação do processo receptivo em duas tradições de investigação sobre os medias. Salvador: Facom/UFBA, 2000, 175-229.

GOMES, Itania Maria Mota. Ingenuidade e recepção: as relações da criança com a TV. In _____ . **Ingenuidade e Televisão:** Investigação sobre o conceito de recepção e o processo comunicativo, Salvador: Facom/UFBA, 1995, 194p.

LIMA, Jorge Cunha. O modelo da TV Cultura de São Paulo. In: CARMONA, Beth; FLORA, Marcus...[et al.] (org). **O desafio da TV pública:** uma reflexão sobre sustentabilidade e qualidade. Rio de Janeiro: TVE rede Brasil, 2003, p. 63-70.

LOWENFELD, Viktor. A criança de 4 a 7 anos. In: _____. **A criança e sua arte.** São Paulo: Mestre Jou, 1976, p. 107-130.

LOWENFELD, Viktor . Primeiras Tentativas de representação: A fase pré-esquemática, de 4 a 7 anos. In: _____. **Desenvolvimento da Capacidade Criadora.** São Paulo: Mestre Jou, 1977, Cap 5, p.146-179

LÜDKE, Menga; ANDRÉ, Marli.E.D.A. **Pesquisa em Educação:** Abordagens qualitativas. São Paulo: E.P.U,1986.

MÁRTIN-BARBERO, Jésus; REY, Gérman. Disseminação do saber e novos modos de ler/ver. In: _____. **Os exercícios do ver:** Hegemonia audiovisual e ficção televisiva, São Paulo: Editora SENAC, 2001, p . 55-63.

_____. A fragmentação do espaço televisivo. In: _____. **Os exercícios do ver: Hegemonia audiovisual e ficção televisiva**, São Paulo: Editora SENAC, 2001, p. 66-72.

MELLO, Elson Rezende de. Os caminhos cruzados da escola e a televisão. **Núcleo de ficção seriada**. XXVII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, Belo Horizonte/MG, 2003. Disponível em: www.intercom.org/papers/congresso2003/pdf/2003_np_santos.pdf. Acessado em 07. abr. 2005.

PACHECO, Elza Dias. Infância, cotidiano e imaginário no terceiro milênio: Dos folguedos infantis à diversão digitalizada. In: _____ (org). **Televisão, criança, imaginário e educação: Dilemas e diálogos**. 4.ed. Campinas. São Paulo: Papyrus, 2004, p. 29-37.

PENTEADO, Heloísa Dupas. **A televisão e a Escola: conflito ou cooperação?**. São Paulo: Cortez, 1991.

RAMOZZI, Chiarottino Zélia. O conhecimento como resultado da interação entre organismo e o meio. **Psicologia e epistemologia genética de Jean Piaget**, São Paulo: EPU. 1988, Cap.1, p. 3-11.

REZENDE, Ana Lúcia Magela de. Televisão: Babá eletrônica? In: PACHECO, Elza Dias (org.). **Televisão, criança, imaginário e educação: Dilemas e diálogos**. 4.ed. Campinas. São Paulo: Papyrus, 2004, p. 71-82.

ROCCO, Maria Thereza Fraga. Produções para crianças no cotidiano da TV e cotidiano das práticas socioculturais de recepção: Um diálodo em novos termos In: PACHECO, Elza Dias (org.). **Televisão, criança, imaginário e educação: Dilemas e diálogos**. 4.ed. Campinas. São Paulo: Papyrus, 2004, p. 125-133.

RODRIGUES, Selma Calazans. **O fantástico**. São Paulo: Ática, 1988.

VYGOTSKY, L.S. **A formação social da mente: o desenvolvimento dos processos psicológicos superiores**. (Trad. José Cipola Neto; Luis Silveira Menna Barreto, Solange Castro Afeche) In: COLE, Michael et al. (org). São Paulo, 2.ed., 1994.

WHITE, Robert A. Recepção: a abordagem dos Estudos Culturais. **Revista Comunicação & Educação**, São Paulo, 12, 57 a 76, maio/ago, 1998.

WILLIAMS, Raymond. **Cultura e sociedade: 1780-1950**. (Tra. De Leônidas H.B.Hegenberg; Octanny Silveira Mota; e Anísio Teixeira), São Paulo: Ed. Nacional, [1958]1969, p. 305-346.

REFERÊNCIAS CONSULTADAS

ALMEIDA, Lígia Beatriz Carvalho de Almeida. **Uma abordagem semiótica do programa televisivo infantil “ILHA-Rá -tim-bum”**. Disponível em: <http://bocc.ubi.pt/pag/almeida-ligia-abordagem-semiotica.pdf>. Retirado da Internet em 07.04.2005.

BIERNATZKI, William E; PEROCA, Norma. Status da pesquisa sobre crianças e televisão. **Revista Comunicação & Educação**, São Paulo, 24, 49 a 59, maio/ago, 2002.

BUCHT, Catharina, FEILITZEN, Cecília Von; Tradução de Patrícia de Queiroz Carvalho. **Perspectiva sobre a criança e a mídia**. Brasília: UNESCO, SEDH/Ministério da Justiça, 2002.

CASTELO RÁ-TIM-BUM e A Grande Família são os vencedores do Prêmio MídiaQ. **Midiativa**. Publicado em 20.set.2004. Disponível em: <www.midiativa.tv/index.php/midiativa/content/view/full/1149/>. Acesso em : 25.mai.2005

ENTRETENIMENTO e conhecimento de altíssima qualidade. **TV Cultura**. Disponível em: <http://www2.tvcultura.com.br/publicidade/tv_programaplano.asp?mediapgmid=34>. Acesso em: 09.jul.2005.

FONSECA, Maria Teresa Azevedo da . Realização e recepção: Um exercício de leitura. **Revista Comunicação & Educação**, São Paulo, 12, 35 a 42, maio/ago, 1998.

FUSARI e REZENDE, Maria Felissiminda de. *Um espaço para vídeo na formação de professores*. In: KUNSCH, Margarida Maria Krohling (org). **Comunicação e Educação: Caminhos Cruzados**. São Paulo: Loyola, 1986.

GARDNER, Howard. **Inteligências múltiplas: a teoria na prática**. Proto alegre/; /artes Médicas, 1995.

KRAMER, Sônia. **Com a pré-escola nas mãos:** uma alternativa curricular para educação infantil. São Paulo: Ática, 1993.

“MÍDIA E EDUCAÇÃO: DESAFIO DO MILÊNIO”. **Revista nós na Escola** – rio de Janeiro, ano3, n19, 20/06/05, p.19-22.

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO E DO DEPORTO, Secretaria de Educação Fundamental. **Referencial curricular nacional para educação infantil.** Brasília: MEC/SEF, 1998.

NUNES, Maria Helema Rennó. *Televisão educativa no Brasil.* In: KUNSCH, Margarida Maria Krohling (org). **Comunicação e Educação:** Caminhos Cruzados. São Paulo: Loyola, 1986.

PACHECO, Elza Dias. A linguagem televisiva e o imaginário infantil. **Revista Comunicação & Educação,** São Paulo, 2, 36 a 42, maio/ago, 1995.

SANTOS, Luciene. Os seriados brasileiros: Tentativas de apontar o lugar do gênero na produção televisual. **Núcleo de ficção seriada.** XXVI Congresso Anual em Ciência da Comunicação, Belo horizonte/MG, 02 e 06 de setembro de 2003. Disponível em: www.nercom.org/papers/congresso2003/pdf/2003_np_santos.pdf. Retirado da Internet em 07.04.2005.

TORNAGHI, Maria. *Criança, vídeo e arte.* In: KUNSCH, Margarida Maria Krohling (org). **Comunicação e Educação:** Caminhos Cruzados. São Paulo: Loyola, 1986.

VERDE, Cláudia Dalla. Ficção e encantamento televisivo. In PACHECO, Elza Dias (org.). **Televisão, criança, imaginário e educação: Dilemas e diálogos**. 4.ed. Campinas. São Paulo: Papyrus, 2004, p. 93-99.

APÊNDICE A - Descrição dos personagens e cenários do Castelo

Os personagens principais, vividos por atores, estão presentes em diferentes episódios da série já apreciados anteriormente e puderam ser vistos nos quatro episódios utilizados para o estudo de recepção. As três crianças - Pedro, Zeca e Biba - Dr. Vitor, Tia Morgana e Nino. Personagens coadjuvantes: as fadas Lara e Lana e os três passarinhos.

Também em episódios diferenciados da série há a presença de personagens representados por 9 bonecos falantes que são confeccionados por diferentes materiais como látex, metal, borracha sintética, madeira, tecido, e animados por meio de técnicas usuais para a movimentação de fantoches, como também por computação gráfica: o Gato Pintado, a cobra Celeste, o Relógio, o Mau e o Godofredo, o par de botas Tap e Flap, o Ratinho, o Porteiro, a gralha Adelaide e o Fura-Bolo.

Nino (Cássio Scapin) é um garoto de 300 anos que por causa de sua idade não consegue ser aceito em nenhuma escola da redondeza. Usa roupa bem a caráter dos contos de fadas: calça, colete e sapatos coloridos. Seu topete no cabelo em forma de caracol chama atenção. Nino sempre curioso, gosta de invenções e é aprendiz de feiticeiro, sendo assistente e sobrinho do Dr. Vitor. Para conquistar amigos usou primeiramente a ação de enfeitiçar a bola de Zeca e trouxe as crianças para o Castelo. Apesar de se tratar de uma criança este personagem é representado por um ator adulto.

Zeca de 6 anos (Fredy Allan Galembeck), Pedro, 10 anos (Luciano Amaral), Biba, 8 anos (Cinthya Rachel) são crianças que se tornam amigas de Nino e sempre depois da escola o visitam no Castelo. Inteligentes e extrovertidos, estão sempre dispostos a uma nova aventura e descobertas nos ambientes do Castelo. Zequinha é o mais travesso. Biba, apesar de ser mais nova que o Pedro, parece ser a mais madura, sempre disposta ao diálogo. E Pedro é um menino bastante observador. Estes personagens, ao contrário do Nino, são vividos por atores infantis.

Dr. Vitor (Sergio Mamberti) possui 3000 anos e é o dono do Castelo. Sempre de terno, colete, gravata colorida, sobretudo e chapéu, exibe seu exuberante bigode. De maleta na mão está sempre de hora marcada para sair e voltar, do que supostamente deve se tratar, de um trabalho fixo. Passa assim a maior parte do tempo fora do Castelo. Possui uma oficina para fazer suas invenções e experimentos. Responsável por Nino, Dr. Vitor costuma dar conselhos, advertir, apontar os erros, verificar as faltas e carências de seu sobrinho. O personagem que está sempre presente na narrativa principal ao sair no começo dos episódios e entrar no final.

Tia Morgana (Rosi Campos) é uma feiticeira de 5.999 anos. É tia do Dr. Vitor e tia-avó do Nino. Vaidosa gosta de usar longos vestidos de tecidos finos, capas, luvas, tudo muito sofisticado e de tons escuros. Seu cabelo possui algumas mechas vermelhas e seu penteado se eleva na vertical. Morgana demonstra ser uma mulher elegante e bastante experiente. Esteve presente em grandes acontecimentos históricos. É sábia, poderosa pelos conhecimentos adquiridos em muitos séculos. Conta fatos históricos que vivenciou do passado nas cenas que em sua maioria, ocorrem em seus aposentos, no alto do Castelo. Em seu quadro há sempre a presença da gralha Adelaide, sua fiel companheira. No contar de histórias pode ser observado os mistérios que esconde um aposento de bruxa, onde se tem ao centro um grande caldeirão.

Celeste é uma cobra (boneco) feita de tecido cor-de-rosa. Muito observadora, sabe de tudo que ocorre no Castelo, quer sempre participar das brincadeiras, é muito carente. Vive em

um local estratégico -na árvore que deu magicamente origem a todo Castelo e que fica na parte central do hall – onde é capaz de ver quem entra e sai e tudo que acontece no Castelo. Participativa, auxilia, lamenta, faz avançar as histórias.

O relógio é um de metal e madeira que fica encostado na parede, próximo a árvore criadora do Castelo. Move a boca e os olhos quando fala. Costuma a marcar o tempo da narrativa dos episódios: marca a hora do quadro pedagógico da feitiçaria” Bruxas, ratazanas e companhia, está na hora da feitiçaria!” , a chegada do Dr, Vitor, a hora de ir embora das crianças. O relógio possui uma função de ligação para o movimento da narrativa.

O porteiro também é feito de metal, movimentando os olhos e a boca, tem rosto cilíndrico azul, queixo verde e nariz de bola vermelho, usa um boné amarelo. Aparece a quem bate a porta do Castelo e assim como o relógio, estabelece ligações para o desenvolvimento da narrativa principal dos episódios. Anuncia a temática de cada episódio ao exigir a senha para entrada das crianças no Castelo. A senha é executar uma determinada tarefa considerada por elas sempre fácil. E o porteiro diz a frase-chave “Plit, Plot, Tsiu, a porta se abriu!”.

Os passarinhos vivem a cantar o som de diferentes instrumentos em um ninho que fica no alto de um galho da árvore do Castelo, são personagens feitos por três atores vestidos de pássaros: duas bailarinas cobertas de penas amarelas na cabeça, braços e quadris, e que vestem malha em tons forte e o instrumentista, que possui uma fantasia de plumagem azul e de bico pontiagudo. O cenário do ninho possui uma cortina verde ao fundo e três ovos sobre penas e palhas.

O Gato Pintado passa o tempo todo lendo na biblioteca, onde cuida dos 1.005 livros que compõe as estantes deste lugar. Neste espaço há a valorização do mundo dos livros e é sempre recitada pelas crianças, Nino ou pelo gato uma poesia. O gato constantemente é solicitado para dar informações ao Nino e a criançada por viver em um lugar onde se pode obter

tantos conhecimentos. Na biblioteca há também uma passagem secreta para a oficina do Dr.Vitor.

O Ratinho é um animal feito de massinha azul que se movimenta por efeitos de computação gráfica. Ele está sempre preocupado com a higiene, adora tomar banho e escovar os dentes. Vive sempre correndo de um lado para outro do Castelo em uma espécie de “ratomóvel”, aparecendo de forma inesperada quando está fora da toca. Todos sabem de seu fascínio por limpeza.

O Mau e o Godofredo são fantoches de movimentação manual. Vivem nos encanamentos do Castelo, mas às vezes têm contato com outros personagens. Mau é feio, grande, peludo em tom roxo, tem unhas enormes e sujas. Godofredo tem aparência de um ser frágil, pequeno, é esverdeado, parece um duende, demonstra medo às aparições do Mau. O Mau quer sempre demonstrar que é mau, provoca Godofredo o tempo todo, impõe enigmas para as crianças e quem não souber responder está sempre sob a ameaça de sua “ gargalhada fatal!” . Godofredo está sempre mostrando ao Mau que ele não é tão mau como quer parecer. Isto pôde ser verificado no episódio “Não engorda e faz crescer”: O relógio anuncia que é hora da garotada ir para casa e todos ouvem o barulho do Mau correndo pelos encanamentos do Castelo. Na parte subterrânea do Castelo Mau encontra então com o Godofredo que o vê todo sujo de cocada. Mau confessa que na rua acabou ajudando uma velhinha a atravessar a rua. Para limpá-lo Godofredo o acerta como o espanador e o mau grita:

Mau: *Ai que dor!*

(Segue o quadro onde aparecem crianças dizendo palavras que rimem com dor).

Crianças: *Trator, espanador, amor, sabor...*

Mau: *E você ai de casa, não pense que escapou. Diga palavras que rimem com dor!*

Godofredo: *Calo, amor...*

Mau: *Você está soprando de novo Godofredo! Por causa disso vou dar minha gargalhada fatal! Hahahahaha...*

As fadas Lara e Lana (Fabiana Prado e Thereza de Athayde) vivem no lustre do Castelo, um cenário colorido, onde as paredes são transparentes, com ondulações em tons de azul, rosa, amarelo e contornos pretos, onde no centro existem dois divãs. Elas usam vestidos longos, em tons claros. Estão sempre enfeitadas com pedras e prata. Possuem varinhas de condão de vidro que usam para fazer aparecer e desaparecer objetos. Desafiam o conhecimento de uma a outra o tempo todo. Brigam, mas estão sempre juntas.

A cozinha é cenário importante no programa. É sempre utilizada para as refeições. Antes de comer o Fura-Bolo, um fantoche feito de dedo, vem sempre chamar a atenção para a hora de lavar as mãos, como no episódio “Ciúme...eu?” , no qual após Celeste ao anunciar a garotada o convite de Morgana para tomar um chá nos seus aposentos. Este momento implicitamente sugeriu o quê? Lavar as mão.

O Castelo possui oito ambientes – hall, cozinha, biblioteca, quarto do Nino, oficina do Dr.Vitor, aposentos de Morgana, sala de música e a sala da lareira. Ambientes que caracterizam diferentes momentos da narrativa principal dos episódios. No primeiro programa da série “Tchau,não,até logo!” houve a apresentação tantos dos personagens como dos ambientes do Castelo durante a história, onde as crianças (Pedro, Biba e Zeca) foram descobrindo os cenários presentes, acompanhados pela câmera.

No Castelo, além das três crianças, freqüentemente há outros visitantes que auxiliam no desenvolvimento da narrativa principal dos episódios. No total, pôde ser verificado, durante a análise dos programas selecionados e o conhecimento da pesquisadora de outros episódios da

série, que são cinco personagens: Dr. Abobrinha, a jornalista Penélope, o entregador de pizza Bongô, o extraterrestre Etevaldo e a Caipora.

O Dr. Abobrinha (Paschoal da Conceição) é um vilão, seu maior sonho é comprar o Castelo, demoli-lo e em seu lugar construir um prédio de cem andares. Para entrar no Castelo, Dr. Abobrinha por não ser bem vindo, sempre se desfaça, geralmente, de alguém a quem todos no Castelo aguardam a chegada.. Em alguns momentos ele costuma revelar para câmera o seu plano para obter a assinatura do Castelo, como se chamasse o telespectador a se envolver na história.

Etevaldo (Wagner Bello) é um extraterrestre de um planeta distante. Veste uma roupa de malha azul, que possui esferas cor-de-rosa nas pernas e nos braços, nos quadris há arcos coloridos, nos ombros uma armadura triangular e na cabeça e uma espécie de capacete que nos dois lados possui semi-esferas e cones. Curioso, quer saber de tudo sobre o planeta Terra: costumes, pessoas, cultura...

Penélope (Ângela Dip) é jornalista de televisão, inteligente, está sempre disposta a dar informações ao pessoal do Castelo. Feminina, adora se vestir de rosa da cabeça aos pés. É muito amiga do Nino e das crianças, mas no episódio “ Ciúme...eu?” acabou criando conflitos entre a garotada, quando Biba apareceu no seu jornal da TV. Zeca, Pedro e Nino ficaram com ciúmes. Mas Penélope resolveu o problema, também os convidou para aparecerem no jornal da televisão.

Bongô (Eduardo Silva), entregador de pizza preferido do Castelo, está sempre correndo para fazer entregas. Usa roupas coloridas e possui cabelo rastafári. Amigo, está sempre disposto a ajudar. No episódio “Não engorda e faz crescer” foi o jurado do concurso de sanduíches.

Caipora(Patrícia Gaspar) é uma personagem originaria do folclore brasileiro. Danada, a caipora tem a aparência de um bicho-do-mato em tom vermelho. Adora contar

histórias da mata por ser conhecedora das plantas, animais e índios. Aparece sempre que ouve um assovio, mas possui o poder de aparecer e sumir da onde quiser. Comilona, no episódio “Tudo se transforma” sujou o Castelo com várias cascas de banana e foi chamada a atenção por Nino e as crianças. Para ir embora muitas vezes faz chantagem para adivinharem uma palavra secreta.